

AUTORES & LIVROS

15-2-1949
Ano IX

Director e redator: MUCIO LEAO.
Gerente: LEONARDO MARQUES.
Secretário: SERGIO R. VELLOZO.
PREÇO — Cr\$ 2,00

N.º 4
Vol. X

NOTICIA SOBRE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Manoel Botelho de Oliveira, nasceu na Bahia, em 1636. Era filho de um capitão de infantaria paga — Antonio Alvares Pereira para uns, Antonio Alvares de Oliveira, para outros.

Fez os preparatórios na Bahia, e a seguir partiu para Portugal. Estudou Direito na Universidade de Coimbra, e diz uma tradição que ali foi amigo íntimo de Gregório de Matos.

Estudou a fundo a língua latina, a espanhola e a italiana. Regressou ao Brasil, em data que se ignora, e abriu banca de advogado. Foi então nomeado Vereador do Senado, da Câmara e Capitão-mor das Ordenanças. Teve também o título de fidalgo da Casa Real.

Faleceu na Bahia, setuagenário — em 5 de janeiro de 1711.

Nos annas literários do Brasil, Botelho de Oliveira ocupa um lugar especial: e isso por ter sido ele o primeiro poeta nacional que publicou livro.

Cuidadoso de sua arte, escrupuloso da perfeição dos seus versos, ele poliu e limou, durante annos, o que lhe saiu da pena. Já velho, deliberou dar a edição de seus trabalhos. Em 1703 obteve licença para isso.

Seu livro foi impresso, no ano seguinte, na officina de Manoel Menescal, impressor do Tribunal do Santo Officio. Foi assim que, em 1705 appareceu a veneranda obra, apresentando este longo titulo: *Música do Parnasso, dividida em quatro cores de rimas portuguezas, caste-*

anhas, italianas e latinas, com seu descante cómico reduzido em duas comédias. Era o livro dedicado a D. Nuno Alvares Pereira de Melo, Duque de Cadaval.

A *Música do Parnasso* tem merecido o apreço dos entendidos. A Academia das Ciências de Lisboa catalogou o poeta entre os clássicos da lingua. A Academia Brasileira de Letras escolheu Botelho de Oliveira para um dos patronos do quadro dos correspondentes e deu, na coleção dos *Clássicos Brasileiros*, uma edição da *Música do Parnasso* juntamente com *A Ilha da Maré*.

Botelho de Oliveira foi, em primeiro lugar, um perfeito erudito como o evidencia o simples fato de compor, como ele compunha, com igual mestria, nas quatro linguas em que redigiu a *Música do Parnasso*.

Para nós, brasileiros, porém, éle tem uma significação maior do que a de ter sido apenas um erudito — uma significação maior e que muito mais nos emociona: é ter sido, em sua essência, um poeta que amou e sentiu a natureza brasileira.

Com effeito, se a *Música do Parnasso*, com o seu lirismo subjectivo e tanta vez, vago, poderia ter sido composta por um poeta de qualquer latitude — *A Ilha da Maré* só poderia ter sido feita por um poeta brasileiro, e mais do que isso: por um poeta da região baiana. Aqui, realmente, está, em seu amanhacer gracioso e ingênuo, a vida do primitivo Brasil do maravilhoso idílico Brasil-baiano do século XVIII. É a paisagem da cidade, é a vida dos pescadores, são os peixes e os mariscos, são as plantas nativas... São as frutas — a laranja, o limão, a cidra, as uvas moscatéis, os melões celebrados, as melancias, as romãs rubicundas, os cocos gostosos, os cajus belos, as pitombas douradas, os araçá, as bananas, a pimenta, o mamão, o maracujá, os ananazes "que para rei das frutas são capazes", a manga... São, também, os

(Continúa na pág. 45)

BIBLIOGRAFIA DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

— *Música do Parnasso*, dividida em quatro cores de rimas, portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante cómico reduzido em duas comédias — Lisboa — off. Miguel Menescal — 1705 — 362 pgs. in 8.º

As duas comédias aí incluídas são:
— "Hay amigo para amigo"
— "Amor, enganos y ze-

— **MÚSICA DO PARNASSO.** *A Ilha da Maré*, de Botelho de Oliveira, Alvaro Pinto, editor (Anuário do Brasil), Rio de Janeiro, (1929), in 8.º, 193 X 126, 189 págs. Contém: "Manuel Botelho de Oliveira", por Afrânio Peixoto; "Manuel Botelho de Oliveira: 1.º — Poeta em quatro linguas; 2.º — O Poeta nativista, cantor da Ilha da Maré; 3.º — O gongorismo na obra de Botelho de Oliveira", por Xavier Marques; "Manuel Botelho de Oliveira, (1636-1711), por Manuel de Souza Pinto: o "fac-simile" do frontispício da 1.ª edição da "Música do Parnasso", precedido de uma ficha bibliográfica por A. (frânio) P. (eixoto), "Música do Parnasso", a "Ilha da Maré".

ALGUMAS FONTES SOBRE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

- Barbosa, Januario da Cunha — *Parnasso Brasileiro*.
- Barbuda, (Pedro Julio) — *Literatura brasileira*, p. 127 e 211.
- Carvalho, Ronald de — *Pequena História da Literatura Brasileira*, p. 89.
- Diniz, Almachio — *Antologia da lingua vernacula* — p. 281.
- Fagundes, Laudelino — *Clássicos Brasileiros* — p. 73.
- Gama, Chichorro da — *Miniaturas biográficas*, p. 23.
- *Revista da Língua Portuguesa*, n. 13, p. 180.
- *Breve Dicionário de Autores Clássicos* — p. 23.
- Gomes, Alfredo — *História Literária, em Dicionário Histórico, Geográfico e Etílico* — Introdução — vol. 1.º, p. 1313.
- Leite, Solidonio — *Catálogo anotado*, p. 287.
- Macedo, Joaquim M. de — *Ano biográfico* — 1.º vol., p. 19.
- Machado, Barbosa — *Biblioteca Lusitana*.
- Marques, Xavier — *Manoel de Oliveira*, — *Revista da Academia Brasileira de Letras*, n. 81, p. 5, e na *Música do Parnasso*.
- Perle (Ed.) — *Literatura Brasileira* — p. 373.
- Pessoa, Frota — *Crítica e polémica* — p. 16.
- Pinheiro, Fernandes — *História Literária*, 2.º vol., p. 309.
- *Literatura Nacional*, p. 194.
- Pinto, Manoel de Souza — *Manoel Botelho de Oliveira, em Música do Parnasso*.
- Romero, Silvio — *História da Literatura Brasileira* — 1.º vol., p. 164.
- A *Literatura* — me-

CLASSICOS BRASILEIROS

OBRA DE BOTELHO DE OLIVEIRA

Musica do Parnasso

A ilha de Maré

ALVARO PINTO, EDITOR
(ANUARIO DO BRASIL)
RIO DE JANEIRO

Página de Título da "Música do Parnasso" (edição da Academia Brasileira de Letras)

SUMARIO

- PAGINA 37:
 - Noticia sobre Manoel Botelho de Oliveira.
 - Bibliografia de Manoel Botelho de Oliveira.
 - Algumas fontes sobre Manoel Botelho de Oliveira.
- PAGINAS 38 e 39:
 - Poemas de Manoel Botelho de Oliveira:
 - *A Ilha da Maré*.
 - Sonetos: Aos meus juizes — A morte do Padre Antonio Vieira — A morte do irmão do dito (Bernardo Vieira Ravasco) — A morte das duas mães ao mesmo tempo — Sobre os males originados pelo ouro.
 - Soneto II — Persuade a Anarda que ame.
 - Soneto IV: — Sol e Anarda.
 - Soneto VII: — Cega duas vezes, vende Anarda.
 - Soneto XIII: — Ao sono.
 - Soneto XIV: — Anel de Anarda.
 - Soneto XV: — Anarda esculpida no coração lacrimoso.
 - Soneto XVI: — Anarda temerosa de um rato.
 - Soneto XVIII: — Esperança sem logro.
 - Soneto XX: — Rosa, e Anarda.
- PAGINA 40:
 - Uma página de prosa de Manoel Botelho de Oliveira. Dedicatória de "Música do Parnasso" ao Duque de Cadaval.
- PAGINA 41:
 - Página dos Autores Novos — XXIV — Heloisa Carneiro Leão.
- Nota Cronológica.
 - The Poem of Hope.
 - Sad Ballad for a Boy.
 - Reflexo.
 - Despertar.
 - Fuga e encontro.
 - A Noite.
 - Ao Poeta.
 - Autógrafo de Heloisa Carneiro Leão.
- PAGINAS 42 e 43:
 - A Vida dos Livros.
- PAGINA 44:
 - Notas à edição das "Poemas Completas de Raimundo Correia", organizadas por Mucio Leão.
 - Verbetes para um Dicionário Bio-bibliográfico. Domingos Marinho de Azevedo Americano.
- PAGINA 45:
 - Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha.
 - Soneto, de Sergio Vellozo.
 - Verbetes para um Dicionário Bio-bibliográfico — Lourenço da Silva Araújo Amazonas.
- PAGINA 46:
 - "O Corvo", de Poe — X — Tradução de Milton Amado.
 - Tranquilidade na Adversidade (relato de Phylarco).
- PAGINA 47:
 - Uma fonte de Ronsard, de Mucio Leão.
 - O progresso da ciência, de Lisandro Mendes.
- PAGINA 48:
 - Correspondência de escritores. Carta de Guilherme Montez Barreto e José Veríssimo.
 - Nota bio-bibliográfica sobre Guilherme Montez Barreto.

UMA HISTORIA DA LITERATURA BRASILEIRA

A primeira parte de AUTORES E LIVROS constitui uma gigantesca "História da Literatura Brasileira" que, no tamanho regular de livro, já formaria dois volumes de quinhentas páginas. Os números já publicados constituiriam os dezto capítulos iniciais da referida obra, a saber:

- Século XVI:
 - I. Pero Vaz de Caminha
 - II. Pero Lopes de Souza
 - III. Padre Manoel da Nóbrega
 - IV. Padre José de Anchieta
 - V. Gabriel Soares de Souza
 - VI. Bento Teixeira
 - VII. Pedro de Magalhães Gandavo
- Século XVII:
 - VIII. Padre Fernão Cardim
 - IX. Padre Quirício Caxa
 - X. Padre Jerônimo Rodrigues
 - XI. Padre Leonardo do Vale
 - XII. Padre Luis Figueira
 - XIII. Padre António de Araújo
 - XIV. Des Jesuitas da nossa literatura.

Século XVIII:

- I. Padre António Vieira
- II. Gregório de Matos
- III. Busílio de Matos
- IV. Manoel Botelho de Oliveira

mória — no 1.º vol. do Livro do Centenário — p. 19.
— Romero, Silvio e João Ribeiro — *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, 1.º vol., p. 34.
— Silva, Costa e — *Ensaio biográfico-crítico*, tomo X.
— Silva, Pereira da — *Os varões ilustres do Brasil* — 2.º vol., p. 321.
— Varnhagen, F. A. —

Ortório da Poesia Brasileira — 1.º vol., p. 131.
— *Revista do Instituto Histórico do Brasil*, vol. 9.º, p. 124.
— Veríssimo, José — *Estudos de literatura brasileira* — 6.º vol., p. 15.
— *História da Literatura Brasileira* — p. 81.
— Wolf, Ferdi. — *Littérature Brésilienne* — pgs. 127 e 211.

POESIAS DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

A ilha de Maré

Jaz em obliqua fôrma e prolongada
A terra de Maré, toda cercada
Do Deutuno, que tendo o amor constante,
Lhe dá muitos abraços por amante;
E botando-lhe os braços dentro della
A pretendo gozar, por ser mul' bella.
Nesta assistência tão o a senhores,
E tanto a galantea,
Que do mar de Maré tem o appellido,
Com quem p'ra o amor de seu querido:
E por gosto das p'ndas amorosas
Fica maré de rosas,
E vivendo nas âncias sucessivas,
São do amor marés vivas;
E se nas mortas menos a conhece,
Maré de saudades lhe parece.
Vista por fôrta é pouco apetecida,
Porque aos olhos por fôrta é parecida;
Porém dentro habitada
É muito bella, muito desejada,
E como a concha tosa e destrozada,
Que dentro cria a perola formosa.
Erguem-se nella outeiros
Com soberbas de montes altaneiros,
Que os vales por humilides desprezando,
As presumpções do mundo estão mostrando,
E quando ser príncipes subidos
Ficam os vales a seus pés rendidos.
Por um e outro lado
Vários lenhos se vêm no mar salgado.
Uns vão buscando da cidade a via,
Outros della se vão com alegria;
E na desigual ordem
Consta a formosa da desordem.
Os pobres pescadores em saveiros,
Em canoas ligeiras,
Fazem com tanto abalo
Do trabalho marítimo regalo!
Uns as redes estendem,
E varios peixes por pequenos prendem;
Que até nos peixes com verdade pura
Ser pequeno no Mundo é desventura;
Outros no anel fiados
Tem aos míseros peixes enganados,
Que sempre da vil lica cubilcosos
Perdem a própria vida por gulosos.
Aqui se cria o peixe regalado
Com tal sustancia, e gosto preparado,
Que sem tempero algum para apeteite
Faz gostoso conville.
E se pôde dizer em graça para
Que a mesma natureza se temperara.
Não falta aqui marisco saboroso,
Para tirar fastio ao melindroso;
Os polvos radiantes,
Os lagostins flamantes,
Camarões excellentes,
Que são dos lagostins pobres parentes;
Retrogradados d'arruquesos,
Que formam pés das boccas com festejos,
Ostras, que alimentadas
Estão nas pedras, onde são geradas,
Em fim tanto marisco, em que não falo,
Que é vario pexezil para o regalo.

As plantas, sempre nella reverdecem,
E nas folhas parecem,
Desterrando do Inverno os desfavores,
Esmeraldas de Abril em seus verdores,
E dellas por adorno apeteido
Faz a divina Flora seu vestido.
As frutas se produzem copiosas,
E são tão delicias,
Que como junto ao mar o sitio é posto,
Lhes dá salgado o mar o sal do gosto.
As conas fertilmente se produzem,
E a tão breve discurso se reduzem.
Que, porque crescem muito,
Em d'ôz mezes lhes sazona o fruto,
E não quer, quando o fruto se deseja,
Que sendo velha a cana, fertil seja.
As laranjas da terra
Poucas azedas são, antes se encerra
Tal doce nestes pomos,
Que o tem clarificado nos seus gomos;
Mas as de Portugal entre alamedas
São primas dos limões, todas azedas.
Nas que chamam da China
Grande sabor se afina,
Mais que as da Europa doces e melhores,
E têm sempre a vantagem de maiores,
E nesta maioría,
Como maiores são tem mais valia.
Os limões não se pressam.
Antes por serem muitos se depressam...
Ahi se a Hollanda os gozará!
Por nenhuma provincia se trocará.
As cidras amarellas
Caindo estão de bellas,
E como são inchadas, presumidas,
E bom que estejam pelas chão caídas.
As uvas moscateis são tão gostosas,
Tão raras, tão mimosas,
Que se Lisboa as vira, imaginara
Que algum dos seus pomares as furtára;
Dellas a produção por copiosa
Parece milagrosa,
Porque dando em um anno duas vezes,
Geram dous partos, sempre, em d'ôz mezes.
Os melões celebrados
Aqui tão docemente são gerados,
Que cada qual tanto sabor alenta,
Que são feitos de assucar e pimenta,
E como sabem bem com mil agraços,

Nem se pôde dizer que são letrados;
Nem falo em Valéria, nem Chamusca:

Porque todos offusca
O gosto destes, que esta terra abona
Como proprias delicias de Pomona.
As melancias com igual bondade
São de tal qualidade,

Que quando docemente nos recreia,
E cada melancia uma colmeia,
E as que tem Portugal lhe dão de rosto,
Por insulsas aboboras no gosto

Aqui não faltam figos,
E os solheiam passaros amigos,
Appetitosos de sua doce urina,
Porque cria appetites a doçura;

E quando escaso os matam
Porque os figos maltratam,
Parecem mariposas, que embébedas
Na chama alegre, vão perdendo as vidas.

As romãs rubicundas quando abertas
A vista agraça são, a lingua offertas,
São thesouro das frutas entre afagos,
Pois são rubis suaves os seus bagos
As frutas quasi todas nomeadas
São ao Brazil de Europa trasladadas,
Porque tenha o Brazil por mais façanhas,
Além das proprias frutas, as estranhas.

E tratando das proprias, os coqueiros,
Cathardos, e frondosos,
Criam cocos gostosos;

E andou tão liberal a natureza
Que lhes deu por grandesa,

Não só para bebida, mas sustento,
O nectar doce, o candido alimento,
De várias côres os seus cajós bellos,
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como vários são nas várias côres,
Também se mostram vários nos sabores;

E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia, Hespanha.

As pitangas fecundas
São na por rubicundas,

E no gosto p'cante comparadas
São da America ginhás clarifadas.
As pitombas douradas, se as desejas,
E para terem o primor inteiro

A vantagem lhes levam pelo cheiro,
Os arcações grandes ou pequenos,

Que na terra se criam mais ou menos,
Como as peras de Europa engrandecidas,
Como ellas variamente parecidas.

Também se fazem dellas
De várias castas marmeladas bellas.

As bananas, no mundo conhecidas
Por fructo e mantimento appetecidas,

Que o céu para regalo e passeio
Liberal as concede em todo o tempo,

Competem com maçãs ou bonasas,
Com peros verdes ou camoesas;

Também servem de pão aos moradores,
Se da farinha faltam os favores;

E conducto também que dá sustento,
Como se fosse próprio mantimento;

De sorte que por graça ou por tributo
Se fructo, é como pão, serve em conducto.

A pimenta elegante
E tanta, tão diversa e tão p'cante,

Para todo o tempo accommodada,
Que é muito vantajada,

Por fresca, e por sadia
A que na Asia se gera, Europa cria;

O mamão por frequente
Se cria vulgarmente,
E não presa o Mundo;

Porque é muita vulgar em ser fecundo.
O maracujá também gostoso e frio

Entre as frutas merece nome e brio;
Tem nas pedras mais gostoso agrado

Do que assucar rosado;
E bello, cor-deal, e como é molle,

Qual suave manjar todo se engole.
Veréis os ananazes

Que para rei das frutas são capazes;
Vestem-se de escarlata

Com magestade grata,
Que para ter do Imperio a gravidade

Logram da cor-de-verde a magestade;
Mas quando tem a cor-de-levantada

De p'cantes espinhos adornada,
Nos mostram que entre reis, entre rainhas

Não ha cor-de-no Mundo sem espinhas.
Este pomar celebra tanta gente,

E muito mais que o peçoço excellento,
Pois lhe leva a vantagem gracioso

Por maior, por mais doce e mais cheiroso.

Além das frutas, que este terra cria,
Também não faltam outras na Bahia;

A mangava mimosa
Salpicada de tintas por formosa,

Tem o cheiro famoso
Como se fôra alimcar oloso;

Produz-se no mato
Sem querer da cultura o duro trato,

Que como em si toda a bondade apura,
Não quer dever aos homens a cultura.

Oh que galharda fruta e soberana
Sem ter industria humana!

E se Jove se tirara dos pomares,
Por Ambrosia as puras entre os manjares!

Com a mangava bella a semelhança
Do macujé se alcança,

Que também se produz no mato inculto
Por soberano indulto,

E sem fazer ao mel injusto agravo,
Na bocca se desfaz qual doce favo.

Outras frutas diâzera, porém basta
Das que tenho descripto a vária casta,
E vamos aos legumes, que plantados
São do Brazil sustentos duplicados:

Os mangarás que brancos ou vermellos,
São da abundancia espelhos;
Os candidos inharnes, se não mintos,
Podem tirar a fome ao mal faminto.

As batatas, que assadas ou cozidas
São muito appetecidas;

Dellas se faz a rica batatada
Das Belgicas maçãs sollicitadas.

Os carás, que de roxo estão vestidos,
São loyos dos legumes parecidos,

Dentro são alvos, cuja cor honesta
Se quiz cobrir de roxo por modesta.

A mandioca, que Thomé agradece
Deu ao gentio amado,

Tem nas raizes a farinha occulta;
Que sempre o que é feliz, se difficulta.

E parece que a terra de amorosa
Se abraça com seu fructo delectoso;

Della se faz com tanta actividade
A farinha, que em facil brevidade

No mesmo dia sem trabalho muito
Se arranca, se desfaz, se coze o fructo;

Della se faz também com mais cuidado
O beyú regalado,

Que feito tenro por curioso amigo,
Grande vantagem leva ao pão de trigo.

Os appins se apereñam
Co'a mandioca, e tal favor aleniam,

Que tem qualquer, cozido ou seja assado,
Das castanhas da Europa o mesmo agrado.

O milho que se planta sem fadiga,
Todo o anno nos dá facel espiga,

E é tão fecundo em um, e em outro fillo,
Que são milos liberas as milos de millo,

O arroz zehado
Fertilmente se vê multiplicado;

Calle-se da Valença por estranha,
O que tributa a Hespanha

Calle-se do Oriente,
O que come o gentio, e a Lizia gente,

Que o do Brazil quando se vê cozido,
Como tem mais substancia, é mais crescido;

Tenho explicado as frutas e legumes,
Tenho recopilado

O que o Brazil contém para invejado,
E para preferir a toda terra,

Em si perfectos quatro AA encerra.
Tem o primeiro A, nos arvoredos

Sempre verdes aos olhos, sempre ledos;
Tem o segundo A nos ares puros,

Na temperie agradaveis e seguros;
Tem o terceiro A nas aguas frias,

Que refrescam o peito, e são sadias,
O quarto A no açucar delectoso,

Que he do Mundo o regalo mais mimoso.
São pois os quatro AA por singulares

Arvoredos, assucar, aguas, ares.

Nesta ilha está mui ledo, e mui vistoso
Um engenho famoso,

Que quando quiz o fado antigamente
Era rei dos engenhos premente;

E quando Hollanda perflida e nociva
O queimou; renasceu qual Fenis viva!

Aqui se fabricavam três capellas
Ditosamente bellas,

Uma se esmeta em fortaleza tanta,
Que de abobada forte se levanta;

Da Senhora das Neves se appellida,
Renovando a piedade esclarecida,

Quando em devoto accho se viu posto
O nevado candor no mez de Agosto.

Outra capella vemos fabricada,
A Xavier illustre dedicada,

Que o Maldonado parcho entendido
Este edificio fez agradecido

A Xavier, que foi em sacro alento
Glória da Igreja, do Japão portento.

Outra capella aqui se reconhece,
Cujo nome a engrandece,

Pois se dedica a Conceição sagrada
Da Virgem pura, sempre immaculada,

Que foi por singular mais formosa
Sem manchas lúas, sem espinhos rous.

Esta ilha de Maré, ou de alegria,
Que é termo da Bahia,

Tem quasi tudo quanto o Brazil todo,
Que de todo o Brasil é breve apodo;

E se algu mtempo Citherea a achára,
Por essa sua Chipse depressára,

Porém tem, com Maria verdadeira,
Outra Venus melhor por padroeira.

Romances em Exdruxulos

Escreveis ao rei monarchico
O mal do estado brasileiro,

Que perdendo o vigor florido,
Se vê quasi paralytico,

Porém vós, como catholico,
Imitando a Deus bonassimo,

Lhe dais a pucina placida
Para seu remedio liquido,

O dinheiro é nervo vivo,
E sem elle fica languido,

Fica todo debellissimo.

POESIAS DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Em vossos arbitrios optimos
Soleis tres verez scientificos,
Ditando o governo de ethico,
Economico e politico,

Aos engenheiros dais anelitos,
Que estando de empenha tycicos,
Ternam em amargo vomito
O mesmo assucar dulcissimo.

Tambem da pobreza misera
Attendeis ao estado humilimo,
Assim como o ralo delicio
Nao despresas o logar infimo.

Aos mercadores da America
Infundis de oiro os espiritos,
Quando propendes o provio
Com penna de oiro finissimo.

Pasma em Portugal atonito
Todo o estadista satyrico,
E as mesmas censuras horridas
Vos dão facies panegyricas.

Se falais verdade ao Principe,
Nao temais o zolho rigido,
Que ao sol da verdade lucida
Nao faz mal o valor critico.

O Brasil a vossos meritos
Como se fôra fatidico,
Vos annuncia o sceptro maximo
Sobre o Ganges e mar Indico.

Soleis em vossa obra unico
Para maiores, ou minimos,
Soleis na justica integerrimo,
Soleis na limpeza clarissimo.

Soleis descendente do Camara,
Aquelle Gonçalves inclyto,
Que com discurso astronomico
Sugueu golfos maritimos.

Soleis tambem Coutinho impavido,
Mas vossos coutei justissimo,
Nao vai a homicidas reprobos,
Nem a delinquentes raptivos.

Vosso filho primogenito
Aprende de vós solicito
As virtudes para bellico,
As açoes para magnifico.

Em seus annos inda lubricos
Tem verdades prudentissimas,
E com gravidade lepidas,
E sem soberbia illustrissimas.

Vivei senhor multos seculos
Entre applausos felicissimos
Onde nasce Apollo fervido,
Onde more o polo frigidito.

SONETOS

Aos maus juizes

Que julgas, ó ministro de justiça?
Perce fazes dos leis arbitrio errado?
Cuidas que dás sentença sem peccado,
Bendo que alguém respeito mais de alicia?

Para obrar os enganados da injusticia?
Bem que teu peito vive confulado,
O entendimento tens todo armastado,
Por amor, ou por odio, ou por cobicia.

Se tens amor, julgaste o que te manda:
Se tens odio, no inferno tens o pleito;
Se tens cobicia é barbara, execranda,
Oh miseria fatal da todo o feito!

Que não basta o direito da demanda,
Se o julgador te nega esse direito.

A morte do padre Vieira

Fostes, Vieira, engenho tão subido,
Tão singular, e tão avantajado,
Que nunca serás mais de outro limitado,
Bem que sejas de todos applaudido.

Nas sacras Escripturas embebido,
Qual Agostinho, fostes celebrado;
Elle de Africa assombro venerado,
Vós do Europa portento esclarecido.

Morrestes; porém não: que ao mundo arros
Vossa penna, que applausos multiplica,
Com que de eterna vida vos coroa;

E quando immortalmente se publica,
Em cada raço seu a fama vós,
Em cada escripto seu uma alma fica.

A morte do irmão do dito

Idea illustre do melhor desenho
Fostes entre o trabalho successivo,
E nas ordens do Estado sempre activo
Era o sêo da patria o vosso empenho.

Ostentastes no officio o desempenho
Com prompta execução, discurso vivo,
E formando da penna o vôo activo,
Agua se viu de Apollo o vosso engenho.

Despede a morte, cegamente irada,
Contra vós uma setta rigorosa,
Mas não vos tira a vida dilatada:
Que na fama immortal e gloriosa,

Se morrestes como aguilã sublimada,
Renascéis como Fenix generosa.

Sobre a morte dos dois ditos irmãos a um tempo

Creou Deus na celeste architectura

Dois luzeiros com giro cuidadoso,
Um que presidia ao dia luminoso,
Outro que presidisse á noite escura.

Dois luzeiros tambem de igual ventura

Creou na terra o Artifice piedoso;
Um, que foi da Escripura sol famoso,
Outro, planeta de ignorancia impura.

Brilhando juntos um e outro luzeiro,

Com sãba discricão, sãzo profundo,
Nao podia um viver sem companheiro.

Succedeu justamente neste mundo,
Que feneceudo aquelle por primeiro,
Este tambem feneça por segundo.

Sobre os males originados pelo ouro

Canção

Os monarchas sustentam, poderosos,
Co' este metal prezado
Imperios opulentos, generosos:
Porém, tendo nos reis imperio amado,
Executando facies vituperios,
Tem imperio nos reis, e rei de imperios.

A justica corrumpo verdadeira

No ministro imprudente,
Quebra as regras de justa, as leis de inteira;
Pois esta forma no interesse ardente,
Nao com fiel, mas infiel desprezo
Da cobiza a balança, do ouro o peso.

Inferno se padece lastimoso,

Nao se logra ouro claro
Nas graves pretensões do cubicoso,
Nos obsequios sollicitos do avaro;
Um o procura, outro não goza delle,
Este Tantalos está, Sisypho aquelle!

Quando faltava d'ouro a gentileza,

A gente pobre e rica
Lograva idade de ouro na pobreza;
Mas quando n'esta idade se publica
Uns contrarios motivos de impiedade,
De ferro idades fez, não de ouro idade.

Qual aspide que entre flores escondido,

Na florida belleza
Brotas ao peito o veneno mal-sentido;
Assim pois na luzida gentileza
Mata o metal, matando brilhadores,
Nos luzimentos um, outro nas flores.

Profanando de Danae a vá pureza

Em chuveiros amores,
Apezar de engenhosas torpezas,
Apezar dos cuidados guardadores,
Murchou na chuva de ouro rigorosa
O modesto jasmim, a virgem rosa!

Entre o logro da paz sollicitada

A guerra determina,
Bem que ouro brilha, engeta a paz dourada;
E quando marceas profundeas affina,
A paz compra, de sorte que na terra
Guerra se vê de paz, e paz de guerra.

A natureza em veas escondidas

Cria o metal occulto,
Qualcã piedosa de mortaes feridas;
Mas quando o desentranha humano insulto,
Da mesma vea d'onde nasce bello
Corre logo a ambição, mana o deveslo.

O rigor se arma, a guerra se refina,

A cubiza se apura,
A morte contra o peito se fulmina,
O engano contra o peito se conjura,
Da sorte que accumula o peito humano
Rigor, guerra, cubiza, morte, engano.

Canção, suspende já de Euterpe o metro,

Que em Phillis tens para cantar no Pindo
De sei cabelo de ouro, ouro mais lindo!

SONETO II

Persuade a Anarda que ame

Anarda vi na estrella, que impledoso
Vital influxo move amor querido
Adverte no jasmim, que embranquecido
Candida fe publica de amoroso.

Considera no Sol, que luminoso
Ama o jardim, de flores guarnecido;
Na rosa adverte, que em coral florido
De Venus veste o nacar lastimoso.

Anarda pois, não queiras arrogante
Com desdem singular de rigorosa
As armas desprezar do Deus triunfante:

Como de amor te livras poderosa,
Se em teu gesto florido, e rutilante
Es estrella, es jasmim, es Sol, es rosa.

SONETO IV

Sol, e Anarda

O Sol ostenta a graça luminosa,
Anarda por: luzida se pondera;
O Sol e brilhador na quarta esfera,
Brilha Anarda na esfera de formosa.

Fomenta o Sol a chama calorosa,
Anarda ao peito viva chama altera,
O jasmim, cravo, e rosa ao Sol se esmeta,
Cria Anarda o jasmim, o cravo, e rosa.

O Sol á sombra dá belos desmaios
Com os olhos de Anarda a sombra é clara,
Pinta Ralos o Sol, Anarda Maos.

Mas (desiguais só nisto) se repara
O Sol liberal sempre de seus raios,
Anarda de seus raios sempre avara.

SONETO VIII

Cega duas vezes, vendo a Anarda

Querendo ter Amor ardente ensaio,
Quando em teus olhos seu poder inflama,
Teus soes me acendem logo chama a chama,
Teus soes me cegam logo raios a raios.

Mas quando de teu rosto o belo Maso
Desdenha amores no rigor que atama,
De meus olhos o pranto se derrama
Com viva queixa, com mortal desmaio.

De sorte, que padeço os respandores,
Que em teus olhos luzentes sempre avizaa,
E sinto de meu pranto os desfavores;

Cego me fazem já com ansias vivas
De teus olhos os soes abraçadores,
De meus olhos as agoas successivas.

SONETO XIII

Ao sono

Quando em maguas me vejo atribulado,
Vem, sono, a meu deveslo padeido,
Refrigera os incendios do sentido,
Os rigores suspende do cuidado.

Se no monte Cimerio retirado
Triste lugar occupes, te convido
Que venhas a meu peito enristecido,
Porque triste lugar se tem formado.

Se querem noite escura teus intentos,
E se querem silencio; nas tristezas
Noite, e silencio tem meus sentimentos:

Porque triste, e acerto nas ternezas,
E meu peito uma noite de tormentos,
E meu peito um silencio de finezas.

SONETO XIV

Anel de Anarda ponderado

Este vincujo, Anarda, luminoso
Do minimo jasmim prisão dourada,
Logra na mão beza duplicada
Quando logra na mão candor fermoso.

Se te aprisionas seu favor lustroso,
Te retrata os effeitos de adorada;
Porque quando te adorna a luz amada,
Me aprisionas o peito venturoso.

Agora podem teus desdcas esquivos,
Na breve roda de ouro ver seguros,
Se cuidados, se incendios logro ativos;

Pois nela considero em males duros,
Que tenho a roda dos cuidados vivos,
Que tenho o ouro dos incendios puros.

SONETO XV

Anarda esculpida no coração lagrimoso

Quer esculpir artifice engenhoso
Uma estatua de bronze fabricada,
Da natureza forma equivocada,
Da natureza imitador famoso.

No rigor do elemento luminoso,
(Contra as idades sendo eternizada)
Para esculpir a estatua imaginada,
Logo derrete o bronze lagrimoso.

Assim tambem no doce ardor que avivo,

POESIAS DE MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Sendo artífice o Amor, que me desvela,
Quando de Anarda faz retrato vivo;

Derrete o coração na imagem dela,
Derramando do peito o pranto esquivo,
Esculpindo de Anarda a estatua bela.

SONETO XVI

Anarda temerosa de um raio

Bramando o Ceo, o Ceo resplandecendo,
Belo a um tempo se via, e rigoroso,
Em fugitivo ardor o Ceo lustroso,
Em condensada voz o Ceo tremendo.

Gira de um raio o golpe, não soffrendo
O capricho de uma arvore frondosa:
Que conta o brio de um subir glorioso
Nunca falta de um raio o golpe horrendo.

Anarda vendo o raio desabrido,
Por altiva temeu seu golpe errante,
Mas logo o desenganho foi salido.

Não temas (disse em lago) o fulminante;
Que nunca offende o raio ao Ceo lustro;
Que nunca teme o raio o Sol brilhante.

SONETO XVIII

Esperanças sem logro

Se contra minha sorte enfim peçojo,
Que quereis, esperança magoada?
Se não vejo de Anarda o bem que agrada,
Não procureis o bem do que não vejo.

Quando frustar-se o logro vos prevejo,
Sempre a ventura espero dilatada:
Não vejo o bem, não vejo a gloria amada,
Mas que muito, se é cego o meu desejo?

Enfermeis do temor, e não se alcança
O que sem cura quer vossa loucura;
E morrereis de vossa confiança.

Esperança não sois, porém se apura,

Que só nisto seréis certa esperança:
Em ser falsa esperança da ventura.

SONETO XX

Rosa, e Anarda

Rosa da formosura, Anarda bela
Igualmente se ostenta como a rosa;
Anarda mais que as flores é fermosa,
Mais fermosa que as flores brilha aquela.

A rosa com espinhos se desvela,
Arma-se Anarda espinhos de impiedosa;
Na fronte Anarda tem purpura airosa,
A rosa é dos jardins purpurea estrela.

Brota o carmin da rosa doce alento,
Respira odor de Anarda o carmin breve,
Ambas dos olhos são contentamento:

Mas esta diferença Anarda teve:
Que a rosa deve ao Sol seu lustimento,
O Sol seu lustimento a Anarda deve.

Uma página de prosa de Manoel Botelho de Oliveira

Dedicatória da "Musica do Parnasso", ao Duque de Cadaval

AO EXCELENTÍSSIMO
Senhor D. Nuno Alvares
de Mello, Duque do Ca-
daval, Marquez de Ferrel-
ra, Conde Tentugal, Alcal-
de-mór das Villas, & Cas-
tellos de Oliveira, & Alvor,
Senhor das Villas de Ten-
tugal, Buarcos, Villa nova
d'auos, Rabapal, Alvaizere,
Penacova, Mortagoa, Ferrel-
cavades, Cadaval, Cereal,
Petral, Villabos, Villarruiva,
Albegaria, Agos de peixes,
Mujem, Noudar, & Barran-
cos: Commendador das
Comendas de Grandola,
Sardoal, Eyxo, Moraes, Mar-
meleira, Noudar & Barran-
cos — Dos Conselhos de Es-
tado, & Guerra, & do Des-
pacho de meoas, & expe-
diente, Mestre de Campo
General da Corte, & Pro-
vincia de Extremadura Jun-
to a pessoa de Sua Mage-
stade, Capitão-General da
Cavallaria da mesma Cór-

te, & Provincia, Presidente
do Dezembargo do Paço, &
CELEBRE fez em Focio
no Monte Parnasso o ter-
sido das Musas domicílio,
mas se... isso teve a fortu-
na de ser talvez o primeiro,
não faltou quem lhe tirasse
a de ser unico. Essa queixa
pode formar da fomoza
Grecia, para... interiores
Provincias se passarão, as
Musas com todo empenho,
como hoy o que tiverão em
fazer aquella portento da
sua Arte, o insigne Homero,
culo poema eternizou no
Mundo as Memorias da sua
pena & do seu nome.
Transformou-se Italia em
hum nova Grecia, & assim,
ou lhe passarão outra vez
de Grecia, ou de novo re-
nascirão as Musas em Ita-
lia, fazendo-se tão connatu-
ras a seus engenhos, como
entre outros o forão do do
fomozo Virgilio, & elegan-

te Ovidio, os quaes, vulga-
rizada depois, ou corrupta
a lingua Latina, na mesma
Italia se reproduziram no
grande Tasso, & dellicoso
Marino, Poetas, que entre
muitos floreceram com sin-
gulares creditos, & não me-
nores estimações. Ultima-
mente se transferiram para
Hispanha donde foi, & é
tão fecunda a copia de Poe-
tas, que entre as demais na-
ções do Mundo parece que
os Hespanhoes adoptáram
as Musas por seus filhos,
entre os quaes mereceu o
cullo Gongora extragan-
te admiração, & o vassissi-
mo Lope applauso univer-
sal: porem em Portugal,
illustre parte das Hespa-
nhas, se naturalizaram de
sorte, que parecem identi-
cadas com os seus Patricios;
assim o testemunham os ce-
lebrados Poemas daquele
Lusitano Appollo, o insig-
ne Camões, de Jorge Mon-
te-Mayor, de Gabriel Pe-
reira de Castro, & outros
que nobilitaram a lingua
Portuguesa com a elegante
consonancia de seus metros.

Nesta America, inculta
habitação antigamente do
Barbaros Indios, mal se po-
dia esperar que as Musas se
fizessem Brasileiras, contu-
do quizeram também pas-
sar-se a este Emporio, non-
de como a doçura do acur-
de tão sympathica com a
suavidade do seu canto,
acharam muitos engenhos,
que, imitando aos Poetas da
Italia, & Hespanha, se ap-
plicassem a tão discreto en-
tretimento, para que se
não queixasse esta ultima
parte do Mundo que, assim
como Appollo lhe commu-
nica os raios para os dias,
lhe negasse as luzes para os
entendimentos. Ao meu,
posto que inferior... de
que é tão fertil este País,
dictaram as Musas as pre-
sentes Rimas, que me resol-
vo expor á publicidade de
todos, para ao menos ser o
primeiro filho do Brasil,
que faça publica a sua vi-
dade do metro... que o
não sou em merecer outros
maiores creditos na Poesia.

Por isso encolhido em mi-
nha desconfiança, & teme-
roso de minha insufficien-
cia, me pareceu logo preci-
so valer-me do algum He-
roe, que me alentasse em
tão justo temor, & me se-
gurasse em tão reacionavel
receio, para que nem a obra
fosse alvo de calumnias,
nem seu autor despojo de
Zoilos, cuja malicia costu-

ma tyrannizar a ambos,
mais por impulso da inveja
que por arbitrio da razão:
para segurança pois destes
perigos solicito o amparo de
Vossa Excellencia, em quem
venero relevantes prerogati-
vas para semelhante patro-
cinio; por que se é proprio
de Principes o amparar a
quem os busca, Vossa Ex-
cellencia o é não menos na
generosidade de seu animo,
que na regalía de seu san-
gue, com cuja tinta trasla-
dou em Vossa Excellencia
a natureza o exemplar das
heroicas prendas de seus
illusterrimos Progenitores,
de quem, como Agula legiti-
ma, não degenerou a Sua
Sobefania: a Vossa Exce-
llencia venera o estado do
Reino por Conselheiro o
mais politico pois assim
sabe nele propor as difficul-
dades, & investigar os me-
mos. A Vossa Excellencia
faz o nosso serenissimo Mo-
narca arbitro dos negocios
mais arduos, & archivo dos
segredos mais intimos, re-
partindo, ou descançando
em Vossa Excellencia, como
em generoso Atlante, o
grande peso de toda Esfera
Lusitana; nella reconhe-
cem a Vossa Excellencia
por luminar, ou astro mui
benéfico, tantos quantos são
os que participam das con-
tinuadas influencias de sua
grandeza, a qual como logra
propriedades de Sol, a to-
dos alcança com seus be-
nignos influxos; assim o ex-
perimentam tantas viuvas,
a quem Vossa Excellencia
socorre compassivo, tantas
donzellas a quem dota libe-
ral, tantas molheres que
tem o titulo de visitadas, a
quem se não visita sua pes-
soa, remedia todos os me-
res sua munificencia, sen-
do esta em Vossa Exce-
llencia tão fecunda, como o
mostram outras muitas es-
molas, que por sua mão, faz
além das que em trigo & di-
nheiro todo o anno reparte
por seu Esmolero, & Paroco,
que são dous continuos
aqueductos, pelos quaes pe-
rennemente corre a fonte
de sua liberalidade; a esta
dá Vossa Excellencia muito
maiores realces, quando
tão pia, & profusamente a
exerceita com o sagrado, or-
nando, & enriquecendo os
templos, especialmente o
em que foi baptizado, a
quem consignou todos os
annos copiosa congrua para
seu culto, favorecendo com
toda a grandeza as commu-
nidades, provendo com lar-

ga mão as Religiões do que
necessitam, como o confessa
a Serafica Familia do gran-
de Patriarca Sam Francisco,
& dando aos Conventos po-
bres das Religiões vestia-
ria para todos, sendo a sua ca-
ridade como fogo que nunca
diz basta para dar, em
quanto acha necessidades
que socorrer; esta lhe con-
cillou a Vossa Excellencia
o renome de Pai da po-
breza, titulo entre os mu-
lheres que logra, o mais illus-
tre, pois tanto o assemelha
ao mesmo Deos, que por ser
o summo Bem, sempre se
está communicando a todos.

Mas como nos astros não
só há influxos, senão tam-
bem luzes, os brilhantes re-
flexos das de Vossa Exce-
llencia bem se viram em to-
dos os tribunaes deste Rei-
no, que dorão os illumina-
dos Zodiacos, aonde gira-
ram tanto tempo seus res-
plendores: aqui luxio a sua
justiça com raios sempre
directos, porque nunca hou-
ve cousa, que pudesse tor-
cer, nem ainda inclinar a
sua rectidão: aqui brilhou
o seu zelo com luzes tão vi-
vas, que nada pode diminuir
sua efficaçia, nem resfriar o
intento de sua actividade,
sendo em Vossa Excellencia
este zelo tão geral, &
prompto para todas as ma-
terias tocantes ao bem do
Reino, que por causa deste
o levou no tempo presente
dos tribunaes aos exercitos,
& da Corte para a Campa-
nha, na qual se houvera
mais, ou maiores occasiões
para a peleja, o admirara-
mos todos vivo retrato da-
quele famoso Martir Lusita-
no, o Senhor Nuno Alva-
res Pereira, de quem Vossa
Excellencia herdou o valor
com o nome, e com o san-
gue a generosidade, & floris-
sa conhecendo o Mundo
como na paz & na guerra era
Vossa Excellencia sempre
Cesar.

Bem certificado estava
de seu Marial animo, & mi-
litar sciencia o nosso Sere-
nissimo Monarca, pois em
sabado 4 de Outubro lhe
encarregou o governo da
primeira linha do exercito,
para que dirigisse a mar-
cha delle ao sitio, que se
pretendia, empresa tão diffi-
cil em si, como pelas cir-
cunstancias para Vossa Ex-
cellencia gloriosa, porque
obedecendo com prompto
rendimento a Real Vonta-
de, & encarregando-se com
(Continúa na pág. 46)

MUSICA
DO
PARNASSO
DIVIDIDA EM QUATRO COROS
DERIMAS
PORTUGUEZAS, CASTELHA-
nas, Italianas, & Latinas.
COM SEU DESCANTE COMICO REDUSI-
do em duas Comedias,
OFFERECIDA
AO EXCELENTÍSSIMO SENHOR DOM NUNO
Alvares Pereira de Mello, Duque do Cadaval, &c.
E ENTÃO DA
PELO CAPITÃO MOR MANOEL BOTELHO
de Oliveira, Fidalgo da Casa de Sua
Majestade
LISBOA

Na Officina de MIGUEL MANESCAI, Impressor do
Santo Officio Anno de 1765.

PAGINA DOS AUTORES NOVOS

XXIV — HELOISA CARNEIRO LEÃO



HELOISA CARNEIRO LEÃO

Heloisa Carneiro Leão nasceu no Rio de Janeiro e é filha do professor Alberto Carneiro Leão e d. Leticia Cintra Lima Carneiro Leão. Pertencendo a duas famílias de escritores, é neta de Antonio Carlos Carneiro Leão, poeta dos mais característicos do romantismo pernambucano, e de cujos versos demos, em nossa primeira fase, uma copiosa antologia; sobrinha, pelo lado paterno, de Antonio Carneiro Leão, diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil, e pelo lado materno de Barbosa Lima Sobrinho, atualmente governador de Pernambuco (ambos da Academia Brasileira de Letras). Herdeira do entusiasmo com que se upa sempre se dedicou à cultura inglesa, exerceu-se ela desde cedo na poética dessa língua. Escreve seus versos com a mesma facilidade em português e em inglês.

Diplomada pelo Instituto de Educação, exerce atualmente o professorado em uma das escolas públicas de Jacarepaguá.

THE POEM OF HOPE

Today is the day
From which better days will come,
Let the other days, the past days die
In our memory.

All the ghosts will fade away;
They will vanish in the shadows,
The shadows will vanish in the past,
And the shadowy past is gone.

Three sounds,
The desperate sounds
No more will resound.

Listen to them in the desert,
Listen to the echo
And after a while the silence.

Listen to the storm in the air
See the rainfall
And after that the rainbow.

Oh, enjoy these moments of dreamy reality
Between sleep and awakening,
The twilight between dark and light,
Between dawn and morning.
Feel on your face the warmth of the sunrays
In the coming days...

SAD BALLAD FOR A BOY

Poor boy,
He entered the dark room
where his mother lies.
She is dead, they said,
they said to him,
But what is death?
Everything seems confused and dim.
Poor boy,

Her face is pale,
her body stiff and cold,
She won't return, they told.

He wants to cry,
he doesn't know why.
They take him away,
They send him away
from where his mother lies.
Poor boy.

With the same eyes
that had looked at death
he sees outside the things of life
—The beautiful trees, the flowery gardens
and the butterflies.
He thinks of his toys,
of the other boys
with whom he plays;
he thinks of the way
he will spend the day.
Poor boy.

REFLEXO

Águas! Quantas vezes contemplando-as me contemplo!
Limpidas ou turvas,
falsas ou profundas,
serenas ou tumultuosas
Conforme as mudanças do meu pensamento.

Águas de rio a desbarhar...
Arrastadas... na corrente impetuosa dos fatos, que as
conduzem
A um mar angustiado de incertezas...

Águas de ondas furiosas...
Revoltadas, a investir contra muros e rochedos,
Arrebatando... em estilhaços de espuma...

Águas de oceano profundo...
Paradas e dormientes...
Têm no âmago mistérios e abismos!

Águas, águas e mais águas!
Última substância que diviso nos pavorosos sonhos
Em que, constantemente, me vejo a naufragar.

DESPERTAR

Tu foste, o dono, o senhor belo e risonho
Do castelo de minha fantasia;
Prisioneiro da torre etérea e escura
Que construí com mosaicos do meu sonho.
Olhei-te, contemplativamente
Mas ao olhar-te, confesso, vi somente
O que dentro de mim havia, palpitante:
Inocência e pureza, e um desejo vibrante
De provar o amor, de embriagar a alma,
De sentir essa paradoxal mistura
De angústia e de esperança, de amargor e de doçura,
De delírio e lucidez, de agitação e calma...

Mas ergui muito alto a minha ambição
E ela me cogou: vi na noite o dia,
Em tudo senti, como os poetas, beleza e harmonia
E andei a tirar do nada motivos de ilusão.
Tu, porém, foste no amor como a criança
com um brinquedo do qual logo se cansa...

Passaste...
Em minha alma triste só deixaste
Esbatida lembrança... como um som que se foi...
Como súbito clarão que deslumbrou e passou...
Foste como o sonho das flores, em fria madrugada,
Trazendo o sopro da vida à rosa que dormia,
Despertando-a para a luz radiante do dia.

FUGA E ENCONTRO

Eu amo a solidão, o sossego, o silêncio.
É a quietude que inspira o pensamento,
O estar só, isolado do mundo,
É sentir um sentir mais profundo,
É poder reviver, em um breve momento,
Tudo o que já foi vivido,
É pensar novamente,
Tudo o que já foi pensado anteriormente.

É poder sonhar,
É, sonhando, realizar...
É poder fugir
É, fugindo, conseguir
O que se quis buscar...

A NOITE

Entediada da vida,
Cansada de tanta lida
Que é sempre um recommençar,

Eu bendigo esta mão preta
Que quando o dia se deita
vem nossos olhos errar.

A noite é languida e bela,
Mesmo sem luar ou estrela,
Mesmo sem gestos de amor,
É silêncio, esquecimento,
Descanço para o tormento
O qual nada... o torpor...

Quando o sol se vai embora
Saudoso e a terra chora
Os sons da Ave Maria
Põe um bálsamo na alma
Traz o trêmulo e a calma
As amarguras do dia.

E a noite eterna ao chegar
Talvez nos faça encontrar
Alguma imagem querida...
Talvez achemos o sonho
Enganador e risonho
Que nos fuga pela vida...

AO POETA

Ó poeta!
Amo-te com este imaterial e vago
Amor de um espírito esteta
Deslumbrado
Diante da Beleza!

Quando o meu pensamento
Liberto por um momento
Da fixidez das ideias
Vai sorver nos teus poemas
Tua eterna fantasia
Ó, quanto, quanto se inebria!
Ó poeta!

Tu não morreste!
O que escreveste
A outros foi exemplo e inspiração...
E o teu talento criador
Sobreviveu nos teus versos
Perfeitos, belos, sentidos,
Que não são mais que gemidos
Do teu gênio sofrido!
Ó poeta!

Sempre viveste
Num mundo todo teu!
Ou metade na terra
E metade no céu,
Trazendo para a terra as belezas do vazio
Erguendo para os céus a tua queixa humana...
Hoje paíras tão longo...
Na era dura de materialismo
Não se fez ouvir o teu idealismo
Ó poeta!

Mas o teu sentir
Ainda pulsa em teu ritmo
E ainda encontra eco em outros corações...
E não fugir perene dos instantes
Caminha novas eras, novas gerações...
Tu refugirás com eterna glória!
Ó eterno poeta!

Heloisa Carneiro Leão
Janeiro de 1949

Fuga e Encontro

Eu amo a solidão, o sossego, o silêncio.
É a quietude que inspira o pensamento.
O estar só, isolado do mundo,
É sentir um sentir mais profundo,
É poder reviver, em um breve momento,
Tudo o que já foi vivido.
É pensar novamente,
Tudo o que já foi pensado anteriormente...
É poder sonhar,
É, sonhando, realizar...
É poder fugir
É, fugindo, conseguir
O que se quis buscar...

Heloisa Carneiro Leão
1949

Autógrafo de Heloisa Carneiro Leão

A VIDA DOS LIVROS

Manuel, Marceline Sophie Augustine — *Les forces du Langage*, *Thèse présentée au concours de la Chaire de Langage et de Littérature Française de la Faculté Nationale de Philosophie de l'Université du Brésil* — Rio de Janeiro, 1948, 150 págs.

Mme. Manuel destacou-se, há longos anos, como um dos melhores manuais que a língua e a literatura francesa tem tido no Brasil. Os professores de língua e de literatura, preocupados unicamente com os rígidos preceitos da Gramática, com as intermináveis leis da Filologia. Espantoso, por isso, facilmente, o leitor que eles acham por difícil no âmbito dos alunos, dos claros mestres que podem ter por símbolo uma dura palatária...

Mme. Manuel conquistou a admiração e o carinho dos alunos entusiasmados por personificar o oposto a esse tipo agressivamente professoral. Leitora de poesia, é como um efeito de poesia que ela encara o fenômeno linguístico. Para ela pode e deve existir o gramático: mas ele terá apenas uma função — a de registrar a criação inumerável e maravilhosa do poeta. Não é o ponto de vista geral, o grande fundamento básico, sobre o qual Mme. Manuel constrói a sua tese intitulada — *Les Forces du Langage*.

São os seguintes os capítulos em que ela dispõe esse seu interessante curso de estilística francesa: — O prestígio das palavras; a escolha das palavras; a ordem das palavras; os contextos; as imagens; as metáforas; a estilística. Segue-se a *Conclusão*, na qual a autora chega à meditação final do grande papel que o aperfeiçoamento dos homens e do mundo tem cabido sempre e lá de sempre caber aos poetas e aos escritores.

Prova, quanto tudo, das experiências pessoais da escritora — experiência de mestra, provavelmente também experiências de poetisa — um dos reais valores dessa tese consiste na novidade das temas de que Mme. Manuel trata: novidade, ou pelo menos renovação. Um dos seus temas curiosos pontos é a teoria referente ao acento de insistência. "... a palavra isolada guarda sempre o acento tônico gramatical. Mas as palavras originadas desse acento não são suficientes para lhe garantir a imutabilidade: as mais das vezes, quando a palavra faz parte de um conjunto, o acento legal desaparece, para dar lugar ao acento de insistência." É a professora mostra como em meio de um trecho oratório ou poético, o fenômeno se observa em trechos como estes: *C'est un ridicule aisé; vous êtes un bandit; l'âme infiniment; c'est impossible, Monsieur, impossible...* frases em que as palavras *ridicule, bandit, infiniment, impossible*, por efeito da ênfase e da expressão, têm o seu acento deslocado, passando a valer como *ridicule, bandit, infiniment, impossible*.

Na análise das *Forças do Langage*, dá Mme. Manuel um grande lugar à ironia. E' sem dúvida por ironia que o Indú chama de Misericórdioso o seu crueldadíssimo Cliva, que o grego chama deusas benéficas as suas tenebrosas Euménides. Toda a linguagem, em certo sentido, é um jogo de ironia. E seria fácil mostrar como os animais mais estúpidos, mais daninhos, têm nomes mais doces. A *bellette* — *petite belle* — mereceu esse nome exatamente por ser um animal tenido. O mesmo *Henry de Gourmont* dá esse animal como aquele que poderia oferecer: ocasião à mais curiosa derivação semântica. Como em factos, ela tem lindos nomes em outras línguas. Em inglês é a *bonita, the fairy*; em bavaro, a *buntlinde*; em dinamar-

quês, a *bonita, hjerne*; em sueco, a *alegre, lehatt*; em italiano, e em português, a dona pequena, — *donzola, donzella*; em espanhol a pequena comadre — *comadreja*. Em outras línguas ela é ainda a *branca, a doce, a norasinha...*

O mesmo fato se observa em todos os terrenos da linguagem. O desvã do dicionário reservado à pornografia é fúndido em exemplos dessa ordem — que, é claro, não podemos transportar para aqui.

Na tese a que nos referimos há páginas especialmente eloquentes: aquelas em que Mme. Manuel nos mostra a extrema valorização que um poeta autêntico, um soberano artista, sabe dar aos vocábulos mais inexpressivos. Vejam-se alguns dos exemplos que ela cita. — O verbo *merche* pertence ao vocabulário familiar: "*Il est terre à terre, il jase vite, il manque de vol, il a des pates*". Torna-o um poeta como Baudelaire e dá-lhe as as:

"Et comme un long linceul l'italien à l'Orient. Entends, ma chère, entends la douce nuit qui marche" ("Les Fleurs du Mal", p. 239).

A escritora mostra casos semelhantes com a palavra *kilo*, tão sem graça, mas esplendidamente valorizada por Jean Ricotus; com as palavras *enchanteant, ravissement*, tão belamente valorizadas por Anna de France; e mais com as palavras e as expressões *grand, gros, chose, quelque chose, je ne sais quoi*, etc., tornadas belas e como que tornadas novas pelos poetas e os prosadores de talento.

Um dos estudos que de certo neste livro mereceria mais carinhosa leitura dos poetas é a parte referente às metáforas. A metáfora é talvez a mais poderosa das forças da linguagem, e ela é por assim dizer toda a linguagem. O grande sentido da poesia do primitivo, todo ele se acha na metáfora. Homero e a Bíblia, pode-se dizer, são todos metáforas. Mme. Manuel refere-se a um indio do Interior do Brasil a quem um engenheiro deu um espelho. Imediatamente o primitivo batizou o objeto com uma metáfora encantadora: chamou ao espelho *água tranquila*. Como o primitivo, a criança ama a metáfora, exprime-se por ela. A escritora ouviu um dia uma criança dizer:

— Mamãe, o trovão acendeu um fósforo no céu e disparou um tiro de fuzil (o que me parece uma metáfora complexa demais para uma criança).

E já vi, num banho de mar, um garotinho de quatro anos gritar para a mãe, ao ver que uma onda se aproximava fazendo o movimento da arrebatada:

— Mamãe, a onda tem boca. Esta tese, a que me parece, um simples fragmento de uma vasta obra de filologia, e estilística para a qual a escritora vem há longos anos recolhendo material, para a qual ela já possui um arquivo de notas riquíssimo e precioso. Se existisse em nosso alcance, exportaríamos Mme. Manuel com todo o empenho, e com todo o entusiasmo a concluir o seu trabalho. E' tem o raro valor de ser pessoal e de ser novo. E depois, — como dizia um ilustre professor da Sorbonne que examinou Mme. Manuel no recente concurso da Faculdade de Filosofia — são poucos os muito poucos os mestres sorbonistas que escrevem com a graça, com a firmeza, em uma palavra, com o estilo com que ela escreve.

*
Mazé, Pedro Luiz — *Delírios* — Rio de Janeiro, 1948, 70 págs.
E' um livro de poemas modernos, a estréia evidentemente de um autor. Adivinhamo-lo muito moço, adolescente talvez, ansioso ainda, na procura dos

caminhos em que anda perdida a sua poesia. E' próprio no-lo diz, quando convida a sua poesia, maguada pela alheia maleficiência, a vir chorar debruçada em seu ombro.

Eis um dos poemazinhos do livro, algumas linhas que podem ficar servindo como uma síntese da intuição poética do autor:

SER LIVRE
Ser Livre!
Livro da imobilidade.
Livro dos movimentos:
Livro do tempo.
Livro do Espaço:
E fora das três dimensões.
Além dos cinco sentidos.
Ser livre da Vida e da Morte!
Ah! Ser livre de Tudo!

Mussolini, Raquel — *Minha Vida com Benito* — Coleção Meridiano, 8 — Instituto Progresso Editorial S.A. — São Paulo, 1948, 331 págs.

Quando na Itália se representou a ópera trágico-cômica do Fascismo, houve na família de Mussolini uma figura que mereceu o respeito e a consideração de toda a gente, mesmo dos adversários mais feroces do criador daquela regime: foi D. Raquel, a esposa do Duce. Casada com o chefe de Estado mais cabotico que o século atual viu, ela soube manter-se sempre como uma criatura discreta, apartada de assuntos políticos, sem anunciar nunca a ninguém a sua presença. Terá tido influência, é claro; mas ficou sempre na sombra, e percebemos que tudo o que fez ou pretendeu fazer naquela Itália em que seu marido reinou tão rudemente, foi em benefício de sua gente, em benefício de seu país. E' D. Raquel quem ainda vem agora, depois do regime fascista morto, depois de Mussolini abatido à manha justa do povo italiano, prestar ao Duce o maior dos serviços: a publicação deste interessantíssimo livro de memórias — *Minha Vida com Benito*.

Contemplado de longe a evolução da carreira de um homem como Mussolini, só o que vemos é aquilo que os propagandistas oficiais — os dos diários e os dos cinemas — nos contam. De Mussolini o que vemos e o que ouvimos era um sujeito fragoroso, incoadmo e cheio de ameaças para o mundo: eram os seus vementes discursos trocados em praças públicas; eram as inqualificáveis cenas filmadas pelos cinematografistas em que ele aparecia nas posições mais inesperadas. Lembra-nos, por exemplo, de certo jornal cinematográfico em que ele aparecia numa colheita na região da Marena, na da cintura para cima, trabalhando como um operário no lado dos outros operários...

D. Raquel deixa de lado esse grande homem recontado por jornalistas e cinematografistas para os efeitos de impressionar as multidões, e mostra-nos um Mussolini familiar, quase sempre afetuoso, sempre simples e humano.

Nascida em 1892 na aldeia de Predoppio, na Romagna, ela era dez anos mais moça do que Benito. Filha de modestos camponeses, nada indicava que o destino haveria um dia de jogá-la em um dos maiores palcos políticos do mundo. Na idade em que cursava o segundo ano primário, ela mudou-se para Dovia, e ali foi cursar a escola de uma professora chamada Rosa Maltoni Mussolini, esposa de Alexandre Mussolini, um ferreiro socialista que vivia metido em constantes incidentes políticos, e mãe de um jovem aluno da Escola Normal de Forlìmpoli, Benito, o qual, nas férias, auxiliava D. Rosa no ensino. A pequena Raquel, como as demais alunas de D. Rosa, sentiu-se desde logo fascinada pelo jovem — "Magnética (como ela confessa) pelo

fascínio de seus olhos negros e civitantes."

O rapaz também notou aquela menina loura, de longas tranças, e mais tarde, quando a encontrava por acaso, demonstrava-lhe carinho e ternura. Afinal, o que era um imperativo do destino e da vida realizou-se: e D. Raquel foi viver com Benito. Tinham eles o plano, nessa ocasião, de emigrar para a América, e isso era visto com grande simpatia pela mãe, aterrorizada pelas complicações políticas em que via seu marido cada dia mais enredado. Em 1910 — 1 de setembro — nasceu ao jovem casal a primeira filha: a pequena Edda, que veio a ser a esposa do Conde Galeazzo Ciano, e que tão saliente papel teve na última fase do Fascismo. E' dessa fase a vigorosa afirmação jornalística de Mussolini no Abanti: conta-se (conta D. Raquel) que recebendo esse jornal com uma tiragem de doze mil cópias, ele a levantou para trinta mil, para cinquenta mil, para cem mil.

Val vivendo o jovem par (agora legalmente casado) e vão-lhe nascendo os filhos: depois de Edda, Breno, e Vittorio, e Romano e Ana Maria.

E vão sobrevivendo as grandes datas do partido que Mussolini cria: é de 23 de Março de 1919 a criação dos *Fasci italiani di combattimento*, cujo programa era "nitidamente socialista, revolucionário, patriótico e nacional"; e no fundo se destinava a servir como uma bandeira de combate contra o Tratado de Versalhes. Um dos companheiros de Mussolini, nesse momento, é D'Annunzio. Leia-se o bilhete com o que o poeta anunciava ao amigo, a 11 de Setembro de 1919, a sua intenção de agir como guerreiro: "Querido amigo: o dado foi lançado. Parto agora. Amanhã pela manhã tomarei Fiume pelas armas. Queira o Deus da Itália proteger-nos. Levanto-me da cama febril mas não posso adiar. Ainda uma vez o espírito há de dominar a carne miserável. Faça um resumo do artigo que será publicado pela *"Gazzeta del Popolo"*, publique o final na íntegra, e após vigorosamente a causa durante o conflito. Abraça-o o seu Gabriel D'Annunzio".

De 30 de Outubro de 1922 é a vitória do Fascismo, com a ascensão de Mussolini à chefia do governo. Contou-se que, naquele dia, no se apresentar ao rei, Mussolini cantou uma de suas mais belas arias.

— Magestade, venho-vos a Itália de Vittorio Veneto!

D. Raquel refere-se a esse episódio, e diz que Mussolini, tratando dele, declarou que se tratava "de uma ampliação retórica".

E' de Junho de 1934 o pri-

meiro encontro de Mussolini com Hitler. Discípulo do Duce, o chefe da Alemanha nacional socialista tinha por ele a maior admiração. Em seu escritório na Casa Branca de Munich, havia apenas um retrato de Frederico II e um busto do Duce. Viram-se os dois em Veneza, e a impressão de Mussolini não pareceu ter sido boa. "Hitler falou muito e frequentemente em tom violento, vagamente, manifestando intenções agitadas. E' um homem que se controla com dificuldade. A entrevista terminou sem nenhum resultado".

Mussolini está em pleno apogeu político, e domina a Itália e talvez o mundo. E' já o tempo em que ele vê o Império reconstituído e ele o Augusto de um mundo ainda mais belo do que o mundo antigo.

Mas ainda nessa hora de fastígio e orgulho, há traços narrados por D. Raquel que são incontestavelmente simpáticos na figura de Mussolini: sua recusa de receber os títulos de nobreza que o rei lhe quis conferir, o teor de modestia que ele manteve sempre em seu lar.

Um desses traços será interessante referir aqui. Relata D. Raquel que quando Edda chegou aos 18 anos, enamorou-se dela um jovem filho do industrial romanhão Orsi Mangelli. Uma tarde, o namorado da moça foi à casa de Mussolini para pedir a mão de Edda e perguntou ao pai qual era o dote da filha.

— Dote? respondeu admirado Mussolini. Minha filha não tem nada, é como eu.

Por essa razão não se realizou o casamento dela com o rico Mangelli. Mais tarde é que veio Ciano, que naturalmente não tratou de dote, contentando-se com um cargo diplomático na China, enquanto preparava o caminho para o Ministério das Relações Exteriores...

Os dias vão caminhando implacavelmente, e já agora os destinos de Mussolini estão ligados definitivamente aos de seu perigosíssimo amigo. Fazem o chamado "pacto de aço", mas parece que Mussolini tem a esperança de manter a Itália fora de uma guerra que a Alemanha venha a deflagrar. Quando os alemães marcharam contra a Áustria em Março de 1938, D. Raquel recolheu da boca do marido estas expressões desalentadas: "Abandonar os aliados de ontem é-me ainda doloroso, Raquel. Mas há a novidade da: formidável potência militar alemã e há a história que avança contra a vontade dos homens. Aquilo que acontece hoje poderia ter sido evitado se nossos amigos do ocidente tivessem compreendido o meu gesto de quatro anos atrás. A Europa

AUTORES E LIVROS

Propriedade de Mucio Carneiro Lello

ASSINATURAS

Assinatura anual com registro Cr\$ 90,00

Endereço:

Rua Fernando Mendes, 7-12.º and. — 37-9527
RIO DE JANEIRO, BRASIL

Distribuidor para todo o Brasil: Leônidas Lacerda — Praça Marechal Floriano, 85 — 2.º andar. Fone: 42-5825.

Impresso nas oficinas da Editora Mory Ltda.

Assinaturas e números atrasados

As assinaturas podem ser tomadas nos seguintes pontos (além da redação):

— Avenida Almirante Barroso n.º 72, 12.º andar — Fone: 22-9961, ramal 20. Tratar com o Sr. João Pinheiro Neto.

— Av. Rio Branco, 4-18.º andar — Fone: 33-1931. Tratar com Eurico Cardoso.

— Faculdade Nacional de Filosofia — 4.º andar. Tratar com Artur Farias.

NUMEROS ATRASADOS: — Volume IX em diante — nos dois últimos pontos acima e na redação. Volumes anteriores (primeira fase) — somente na redação.

A VIDA DOS LIVROS

deve unir-se e seria o ideal poder-se unir pacificamente. Mas há muitas resistências, muitos nacionalismos acesos, e, portanto, a união européia só se tornará realidade por um feito militar. Tenho esperanças de limitar o feito militar ao mínimo, a fim de que sirva para convencer os chefes dos governos europeus de que a Europa deve unir-se econômica e politicamente num bloco sólido, que constituirá a única defesa valiosa contra o bolchevismo.

Mas a vida é inflexível e nada pode desviar o rumo das coisas. Ligando a Hitler, Mussolini teve a glória das primeiras vitórias ilusórias, teve depois a desilusão das mais amargas e atrozes derrotas.

Seus últimos tempos, narrados com tanta simplicidade por D. Raquel, são realmente amargos e tristes. Ele se vê abandonado, dia a dia, dos amigos mais fiéis, e isso não somente no círculo político, mas também no círculo das relações de família. E' traído inclusive por Ciano, seu genro, seu filho pela estufa e pelo coração. E depois — adivinhemos — que néric imensa de humilhações não teria sofrido dos grãos senhores do fascismo, a proporção que a Alemanha reafirmava o seu espírito de luta, a proporção que a Itália reafirmava o seu espírito de paz? Por fim, doente, vítima de graves intrigas junto ao rei, ele está angustiado de todo. Sua última mensagem para D. Raquel é um documento de absoluta resignação com a derrota e até com a morte. Eis como Mussolini se despediu, a 27 de Abril de 1945, na véspera de ser massacrado, de D. Raquel e dos filhos: "Querida Raquel, eis que cheguei à última fase de minha vida, a última página do meu livro. Talvez nos dois não nos tornemos a ver, portanto escrevo e envio a você esta carta. Peço perdão por todo o mal que, involuntariamente, lhe causei. Você sabe que foi a única mulher que verdadeiramente amei. Juro-o diante de Deus, do nosso Bruno neste momento supremo. Você sabe que nós te-

mos que ir a Valtellina. Procure alcançar a fronteira suíça com as crianças. Ali construirão uma nova vida. Penso que não lhe recusarão a passagem, porque os ajudem em todas as circunstâncias e porque vocês estão afastados da política. Se não se der isso, vocês deverão apresentar-se aos aliados que talvez sejam mais generosos que os italianos. Recomendo-lhe Ana e Romano, principalmente Ana que tem tanta necessidade. Bruno, do céu, verá por nós. Beijo-a e abraço-a junto com os meninos. Benito. Como, 27 de Abril de 1945. XXIII E.F."

Acêra de alguns assuntos que, para a reconstituição da vida de Mussolini, têm uma enorme importância, D. Raquel aqui não se detém; passa por eles a rol d'claraz, e não lhes dá nenhuma atenção maior. E assim o idílio com Clara Petacci, a pobre mulher que foi massacrada com ele, cujo corpo foi com o dele pendurado em uma praça pública. D. Raquel vê naquele idílio um episódio sem nenhuma importância na vida sentimental do Duce que fora cheia de tantas outras; e adivinhemos que a seu desejo seria passar para a posteridade uma esponja sobre o nome e a vida de Clara.

O livro de memórias de D. Raquel Mussolini é, no fundo, dos mais dolorosos livros que ainda temos. Ele nos mostra o nada definitivo e irreversível das mais soberbas grandezas humanas. Pois é possível que de um homem como Mussolini, o super-rei da Itália, um dos donos dos destinos do mundo em nosso século, ignorem os filhos onde jazem os seus míseros restos, para ao menos levar-lhe uma flor de saudade e piedade?

Virgílio — *Geórgicas, Eneida*. Traduções de Antônio Feliciano de Castilho e Manuel Odorico Mendes. Prefácio de Nelson Romero. — W. M. Jackson Inc. — Rio, s.d. (1948).

A casa Jackson resolveu, como se sabe, organizar uma

grande coleção de vinte das maiores obras que ilustram e dignificam o espírito humano, coleção essa que recebeu o nome de *Clássicos Jackson*. Em tal coleção acham-se representados todos os grandes momentos da história literária do mundo: a Grécia ali se acha representada pela *Cropédia* de Xenofonte, Roma por Virgílio, Horácio e Ovídio, etc. O nosso Brasil ficou fazendo parte da coleção, representado pela *Vida do Padre Antônio Vieira*, de João Francisco Lisboa, e pela *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco. E ainda indiretamente por algumas traduções ilustres, como por exemplo a da *Eneida*, feita por Odorico Mendes.

Já que falamos de *Eneida* e já que acabamos de falar na *Vida do Padre Vieira*, lembremos um traço que a tantos séculos de distância no tempo, a uma distância tão grande no espaço, liga e aproxima essas duas obras. Ambas foram deixadas incompletas pelos seus autores. Ambas trouxeram por isso uma condenação ao fogo. Ambas foram salvas pela piedade de críticos inteligentes, que receberam a incumbência de examiná-las antes de serem cumpridas as ordens dos autores. E ambas ficaram constituindo obras primas das literaturas a que pertencem.

Dêsse volume referente a Vir-

gílio (que é o terceiro da coleção *Clássicos Jackson*) fazem parte as duas versões famosas — a de Antônio Feliciano de Castilho e a de Manuel Odorico Mendes. São ambas consideráveis monumentos da linguagem portuguesa. A primeira tem sido acusada (como todas as traduções de Castilho) de fugir ao original virgiliano. Mas, embora o seja, é um perfeito modelo daquela elegância de estilo, daquele primor de linguagem, daquela imensa riqueza vocabular, que tanto singularizaram o poeta e crítico português, dando-lhe incontestada preeminência entre os escritores considerados clássicos de seu país. Quanto à tradução de Odorico Mendes é da mesma forma considerada um belo modelo do gênero.

Melo, Leopoldo Cunha — *Tribunal de Contas. Pareceres de Dr. — Vol. III — 1948*. Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, Brasil — 270 págs.

O Sr. Leopoldo Cunha Melo, advogado na Capital da República, ex-senador pelo Amazonas exerce, desde alguns anos, o cargo de Procurador do Tribunal de Contas. Ali ao contacto com os assuntos mais importantes da administração pública, vem ele se revelando um

jurista de opinião acaçada, cujos pareceres firmam doutrinas, na importante corporação diante da qual são exarados.

Dá agora o Sr. Leopoldo Cunha Melo o terceiro volume dos seus *Pareceres*. Abrangendo trinta e oito trabalhos, versa o volume temas revelantes de vários ramos jurídicos — todos os vários e complexos ramos que formam a majestosa árvore do Direito Administrativo.

Cada um desses trabalhos, de per si, constitui verdadeira monografia acerca do assunto de que trata, uma monografia, é claro, reduzida às suas linhas essenciais, onde porém a boa doutrina é exarada, onde boas fontes são apresentadas e discutidas, onde qualquer propósito de chicana é posto a nu. Está nesse caso, por exemplo, o estudo acerca da acumulação das pensões do Montepio Civil e Militar (p. 21); a análise do artigo 177 da Constituição de 1937 (p. 82); o estudo acerca do aumento de proventos de aposentadoria (p. 123); o estudo sobre as Empresas Incorporadas ao Patrimônio Nacional (p. 230); o estudo acerca da autonomia da Universidade (p. 237) — Acerca do artigo 177, tem o Sr. Cunha Melo uma observação, que, pela malícia (Continúa na pág. 47)

Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco Limitada

Telegrama: COPER — Caixa Postal: 487
Única recebedora e distribuidora do açúcar de produção das usinas do Estado pelos centros de consumo do país e do exterior
ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER: AS
RUAS DO BRUM N.º 248 E GUARARAPES N.º 112

Capital subscrito Cr\$ 4.966.100,00
" integralizado Cr\$ 4.877.200,00
Fundo de Reserva Cr\$ 986.466,70

RECIFE — PERNAMBUCO — BRASIL
Escritório no Rio de Janeiro: Rua da Candelária, 9 - a/301
Em São Paulo: — Rua Alvaro Penteado N.º 190 a/309

O ano passado registrou a Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco uma produção total de 1 milhão de sacas de açúcar, a maior safra ainda verificada em qualquer zona açucareira do país.

A nova Diretoria da Cooperativa dos Usineiros de Pernambuco está assim constituída:

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO — José Pessoa de Queiroz, Presidente; Armando de Queiroz Monteiro, Secretário; Luis Indício Pessoa de Melo, Tesoureiro; Manuel Caetano do Brito, Diretor; Manuel Araújo, Diretor.

CONSELHO FISCAL — Membros efetivos: Júlio Queiroz, Leônido Araújo e Romero Cabral da Costa; Suplentes: José Lopes de Siqueira Santos, Afonso Freire e Enock Maranhão.

"SÃO PAULO" COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Sucursal no Rio de Janeiro — AV. RIO BRANCO, 173, 18.º

DIRETORES

Dr. José Maria Whitaker
Dr. Erasmo Teixeira de Assunção
Dr. J. C. de Macedo Soares

LIVROS IPÊ
EDIÇÕES DE QUALIDADE

procurem
NAS LIVRARIAS
OS GRANDES
ÊXITOS
DO "IPÊ"

2

ROMANCES
EMPOLGANTES

de
Lídia Besouchet
"CONDICÃO DE MULHER"

Uma arrojada sondagem no labirinto da alma feminina, num romance corajoso escrito por uma mulher corajosa. O maior êxito editorial argentino do ano passado. — Cr\$ 30,00

e
"O MESTIÇO"

História de um mestiço carregando o pesado lastro de dois sangues no drama poderoso de uma raça cruzada que luta para encontrar sua verdadeira condição. — Cr\$ 45,00

2 — GRANDES ÊXITOS — 2

AMBIÇÕES

DESEMPREADAS
no
romance sensacional
de

Taylor Caldwell

"A DINASTIA DA MORTE"

Uma grandiosa cavalcada através dos tempos que nos faz lembrar como arquitetura geral e amplitude de cenários, o famoso "...E o vento levou". Impressionante história de uma gigantesca corporação industrial e seus tremendo reflexos na psicologia humana.

DINHEIRO E AMOR

num conflito palpitante de emoções.

Cr\$ 75,00

Pelo Recembólo Postal
IPÊ - Cx. Postal, 5521
São Paulo

Nome

Título

Endereço

Cidade

**INSTITUTO
PROGRESSO
EDITORIAL S.A.**

NOTAS À EDIÇÃO DAS "POESIAS COMPLETAS" DE RAIMUNDO CORREIA, ORGANIZADA POR MUCIO LEÃO

TOMO I

pg. 3 — "No momento em que entrego nos leitores o conjunto, tanto quanto me é possível pensar, completo, das obras poéticas de Raimundo Correia..."

A coleção de "Poesias Avulsas" alcançou uma pequena peça — Boletim e Cálculos de Fozes, publicada sem título e com a notação inicial do poeta em *Almanaque do Vassourense* para 1936, 2.º ano, p. 215. O índice desse almanaque esboça a história de R. Correia. E, lá:

Bebês e cálices de rosas,
Vilancos, musgos vegetais...
Lembranças-me os minhos ideais
Da mais formosa das formosas.

Torções e carnes deliciosas,
E labros... Tudo me lembrava,
Bebês e cálices de rosas,
Vilancos, musgos vegetais...

Aquelas pomas graciosas
E aqueles lábios, pelos quais
Sobrevivia a desfazer-me em ais...
Tudo lembrava, flores vívidas,
Bebês e cálices de rosas.

R.

pg. 11 — Dá o ano de 1924 como o do aparecimento do 4.º edição de *Poesias*. E, de 1927 como aliás está a pg. 20.

pg. 12 — *Blasco?* Não tive dúvida em identificá-lo como de Eusebio Blasco as três versões de R., acompanhadas da simples indicação *Blasco*. É isso porque, procedendo a R. no transplante para o *Almanaque* uma peça de Blasco, foi Luciano Filho, seu grande amigo de Vassouras, mais próximo na indicação do nome, uma vez que no nome patronímico de grande espanhol não se esqueceu de apor a inicial do respectivo prenome. Ora, se há outros poetas de nome Blasco, ad um existe cujo prenome começa por E e é justamente Eusebio Blasco (1844-1903), autor de *Soledades*, 1876, e *Poesias Postumas*, 1930, obras essas que infelizmente não se encontram na Biblioteca Nacional. A versão de Luciano Filho acha-se a pg. 73 de sua obra postuma *Flores Esceltas*, 1973, e é anterior a 1931, como as demais as contidas, que já haviam sido divulgadas pelo Município de Vassouras. Conheço mais dois tradutores de Blasco: Carlos Coelho, que verteu "Lição de Anatomia", "Ritornelo" (é a mesma poesia traduzida por R. sob o título "Nascer, morrer"), "Flores de Amor" — "Hontem... Hoje" (é a mesma peça traduzida por Luciano Filho) e "O Passaporte — A Rosa" (V. Passaporte, 2.ª ed., S. Paulo, 1909 e *Poesias*, 3.ª ed., Paris-Lisboa, 1901) e Adherbal de Carvalho, que traduziu a mesma "Lição de Anatomia" (V. Versos de um distante, Liv. Garnier Irmãos, Paris, 1911, p. 259), como já o havia feito Eragmole Dória (V. Rua do Ovidor, 19-7-1901). A exceção de Luciano Filho, os demais tradutores limitaram-se à indicação *Blasco*.

— A mesma pg. 13, referindo-se à outra tradução de Blasco, feita por E. Dória, diz, quanto à data da sua publicação, que "(c) 1901" que de 1901), quando a data exata é indicada a pg. 402 do 2.º vo., nota 53.

pg. 67 — Dá o nascimento de Anacreonte em cerca de 563 a.C. e, no Tomo 2.º, pg. 413, nota 58, em 560 a.C.

pg. 84 — O soneto "Idon" tem um fecho à maneira de Luiz Delfino em, p. 25, "Calotas" (V. *Algas e Musgos*, 193, 119).

"Tu me perguntas se isto é belo e se é bom".

pg. 117 — Soneto "Anotice", Alberto Torres, segundo me disse Carlos Pontes, gostava de recitá-lo, achando aquela imagem da "palmeira do dia" só comparável à dos "dedos da aurora", em Homero. Atias, Luiz Delfino já havia dito (*Poesias Liricas*, pg. 139):

"Agora quando o sol surgir de novo Entre a palmeira imensa do horizonte."

pg. 117 — "Despedidas", Publicação anterior à da *Estação*; *Almanaque Fluminense* para 1894, pg. 83. Os dois versos finais lembram os de Stechetti, na *Póstuma*, n.º XIV:

"I can't che pensai ma che non scissi, Le parole d'amor che non ti dissi."

pg. 150 — "Plenilúnia", De Alberto de Oliveira virou o mesmo Carlos Pontes

que trocava toda a sua obra por esse poema, apreciando, sobretudo, aquele "astro dos loucos, sol da demência", da 3.ª quintilha.

pg. 176 — "Antologia dos tradutores", E. "Antologia de Tradutores" e foi publicada em 1933.

pg. 243 — "Um trecho do Heine" — Publicado em *Almanaque do Vassourense* para 1937, pg. 239.

pg. 276 — Outros tradutores de "Les Colombes", de Gauthier:
a) Manoel Benício Fontenelle, *Recreios Poéticos*, Rio, 1833, pg. 123.

b) Artur do Azevedo (soneto) in *Novidades*, 3-6-1887.

c) Tiago Guimarães in Laudelino Freire, *Sonetos Brasileiros*, Rio, 1904, pg. 296.

d) Alvaro Reis, *Musa Francesa*, Bahia, 1917, pg. 20.

e) Nelson de Carvalho in "Correio da Manhã", 26-1-1941.

pg. 282 — Precisar a fonte: *Les Quatre Vents de l'Esprit*, tomo 2.º, liv. 3, n.º XXXV.

pg. 301, nota 16 — O Dic. de Velho Sobr., tomo I, pg. 142, regista o nascimento de Alberto Silva em Sete Pontes, logradouro de São Gonçalo, Est. do Rio, e não em São Lourenço.

pg. 310, final da nota 21 — Indicar a fonte: *Autores e Livros*, 16-7-44.

pg. 315, nota 25 — "Os Argonautas", Alem do Raimundo, traduzido *Les Conquérants*:

a) Francis Guimarães, *Fuga das Horas*, 1911, pg. 118 e *Ainda...* e *Sempre*, 1941, pg. 81 (com modificações).

b) Alvaro Reis, *Musa Francesa*, 1917, pg. 50.

c) Gustavo Barroso, *Jornal de Comércio*, 13-9-1936.

d) Carlos Sá, *Correio da Manhã*, 14-1-1940.

e) Manoel J. Silva Pinto (adaptação), *Folha do Comércio*, de Campos, 28-10-1943.

Francisca Julia tem um soneto com o mesmo título, mas não é tradução de Heredia.

TOMO II

pg. 82 — "O Amor" (V. Hugo). E de *Les Voix Intérieures*, n.º XXVI, onde não tem título. Eis o original:

Jeune fille, l'amour, c'est d'abord un miroir
Où la femme coquette et belle aime à se voir.
Et, gaie ou rêveuse, se penche;
Puis, comme la vertu, quand il a votre cœur,
Il en chasse le mal et le vice moqueur.
Et vous fait l'âme pure et blanche;

Puis on descend un peu, le pied vous glisse... — Alors
C'est un abîme! en vain la main s'attache
Aux bords.

On s'en va dans l'eau qui tourne et moule,
L'amour est charmant, pur et mortel. N'y croie pas!

Tel l'enfant, par un fleuve attiré pas à pas,

S'y mire, s'y lave et s'y noie.

Outra versão mais antiga é a de M. Benício Fontenelle, *Obr. cit.*, pg. 98:

pg. 184 — "Colombo", Eis o original de Schiller na versão de Ad. Regnier in *Poésies de Schiller*, Paris, 1878, pg. 310:

COLOMBE.

En avant, hardi navigateur! Que l'esprit, moqueur te raille; que le pilote au gouvernail laisse tomber sa main fatiguée. Vogue toujours, toujours vers l'Occident! Là se montre, il le faut, la côte; car enfin elle s'étend, distincte et brillante, aux yeux de ton génie. Confie-toi au dieu qui te guide, et suis l'Océan silencieux. Quand elle n'existerait pas encore, elle sortirait maintenant du sein des flots. La nature est allée au génie par un pacte éternel; ce que l'un promet, l'autre le tient à coup sûr.

pg. 201, nota — "Repareceu em 'A Serrana'" (28 de agosto de 1894)... "E" de julho, como está a pg. 214, nota, e não de agosto.

pg. 205 — "O espelho de Anacreonte" Publicado no *Alm. do Vass.*, 1887.

pg. 215 — "Paráfrase", Publ. no *Alm. do Vass.*, 1887, pg. 125.

pg. 284, nota — "Publicação anterior": "A Serrana" (28 de fev. de 1887). Foi reproduzida no mesmo periódico em 28-7-1894.

— Corrigir a referência a n.º de "O Sono de Leila", e CVIII e não CXIV.

pg. 275 — "Verbo Libertador", Publ. no *Alm. do Vass.*, 1888.

pg. 294 — "Mota e deserto", Acrescentar a nota... e *Alm. do Vass.*, do mesmo ano.

pg. 361, nota — Publ. no *Alm. do Vass.*, 1887, pg. 252, com as traduções de Rodolfo Leite e Luciano Filho. São estas:

Do primeiro:

Mil vezes o batel confia aos ventos,
Nem uma o coração às raparigas;
Da constância elas são mais inimigas,
Que as ondas nos marulhos turbulentos.

Do segundo:

O teu frágil batel confia aos ventos,
Mas não confies à mulher mais pura
O coração: a onda é mais segura
Que os volúveis femininos juramentos.

pg. 364, nota — Acrescentar: Publicação anterior — *Alm. do Vass.*, para 1888.

pg. 383, nota — Acrescentar publicação anterior — *Alm. do Vass.*, para 1888, pg. 34.

pgs. 371 e 372, notas: Rayval... Rayval.
pg. 388, nota R. in fine: Onde está *Les Voix Intérieures* — *Les Rayons et Les Ombres* suprimir a primeira indicação porque a peça transcrita é do segundo livro, n.º VI e já que cita a página, reportar-se à ed. respectiva, porque há variações.

pg. 388, nota 13 — Precisar: *Les Contemplations*, tomo I, liv. 2.º, n.º XXVII.

pg. 393, nota 19 — Indicar igualmente a edição das *Contemplations*, de que cita a pg. 253. E' do tomo I, liv. 3.º, n.º XIV.

pg. 398, nota 27, in fine — Precisar com o nome do autor a indicação da obr. cit.

pg. 402, nota 33 — Transcrever a versão de Carlos Coelho, incluída, sob o título "Ritornelo" in *Psicosses*, S. Paulo, 1899, pg. 9 e *Poesias*, 3.ª ed., Paris-Lisboa, 1901, pg. 9. E' a seguinte:

RITORNELLO

(Blasco)

A perola nasceu no fundo do oceano...
a violeta azul sobre o rochedo nu,
nas nuvens cor de opala a gota de sereno,
A perola nasceu no fundo do oceano...
e nos meus sonhos — tu.

A perola nasceu no régio diadema,
em vaso primoroso a flor que emurcheceu,
em lucido vapor a gota do sereno,
A perola morreu no régio diadema...
e em tua lembrança — eu.

pg. 402, nota 34 — *Autre Guitare*. Indicar que é de Les Rayons et les Ombres, n.º XXIII.

pg. 403, nota 35, in fine — "(Contemplations, Vol. I)". Precisar: liv. 2.º n.º VII.

pg. 408, nota 41 — Indicar que a peça transcrita é de Les Chatiments, liv. 7, n.º I.

pg. 408, nota 47 — Joaquim Serra faleceu em 1898.

pg. 411, nota 54 — "Poeta francês, nascido na ilha de Bourbon". Acrescentar: "em 1818".

pg. 415, nota 59 — "Les Quatre Vents de l'Esprit", Precisar: Tomo II, n.º 47.

pg. 410, nota 62 — Precisar: *Contemplations*, tomo II, liv. 5.º, n.º XVII.

pg. 418, nota 64 — Indicar a que livro de Chateaubriand pertence a pág. transcrita. Não é de *Les Natchez*, como supunha. Deve ser de *Atala*, *Rene* ou *Voyage en Amérique*.

pg. 422, in fine — Suprimir a indicação *Chautz* da *Crepuscule*, porque a peça transcrita é precisamente de *Les Feuilles d'Automne*, n.º X.

pg. 443, in fine — "Toute la lyre". Que tomo?

pg. 447, nota 93, in fine — "Opalins", pg. 173". De que edição? Conheço a de 1905 e a de 1928, que é a 4.ª.

pg. 447, nota 94, in fine — "Livre V". Acrescentar "cap. XI".

pg. 483 — CXXVI: "Na tasca", em vez de "Na terra".

Nos dois índices, para destacar as poesias traduzidas das originais, indicar, quanto às primeiras, entre parênteses, o nome do autor. Nas notas finais dos dois volumes indicar, para facilidade da consulta, ao lado do título, a página a que se reporta.

P. S. — Li no último número de *Autores e Livros* a sua bela tradução de "A Violeta", de Goethe. Já a conhecia do livro de João Ribeiro sobre Goethe. Há outra de Luiz Delfino em *Poesia Absoluta*, 1941, pg. 37. A propósito de João Ribeiro: Vi no *Anuário do Est. do Rio Grande do Sul* para 1898 uma versão, não assinada, de *Os Intérpretes*, do poeta alemão Castet (?), e a mesma que figura em Versos, com a indicação *Castello*. Sabe informar que poeta é esse? — E. TAVARES BASILE.

Rio, 23 de Dez. de 1948.

Prezado Sr. Mucio Leão,

Em aditamento às notas que lhe enviei ontem, sob registro, posso agora informar que a página de Chateaubriand em que se inspirou Raimundo no soneto "O túmulo aéreo" consta do epílogo de *Atala*. Não del por ela, nas duas coleções que mulo aéreo" consta do epílogo de *Atala*, consulte, porque, em ambas, começa o trecho por *Elle se leva...* e não *La jeune mère se leva*, como figura na transcrição. Em se tratando de simples trecho de capítulo, o original não traz título, o que faz supor tenha sido colhida a página em alguma antologia, como *Beautés de Chateaubriand*, Moreaux chola, etc., onde, então, se justificava o de *Les tombeaux aériens*.

Não encontrei nos três volumes de *Toute la Lyre*, da edição que possuo, nem nos dois volumes da edição de 1928, que também consultei, a poesia *L'Épique de Ren*, vertida igualmente pelo poeta das *Sincaças*. Se, houve engano na referência, como parece, qual a fonte exata?

Com os melhores votos de boas festas e feliz ano novo,

Patricio ato. e admôdor:

C. TAVARES BASILE.

SONETO

Da cor da cinza os tristes olhos tinha,
Da plúmbea cinza de passado ardor,
Tão diferentes de quando era minha
Agora, morta, foi-se-lhes a cor.

Os lábios, que aos meus unidos tinha,
Na febre ardente de um ardente amor,
Estão sozinhos já que está sozinha
A boca que está morta. Agora... a dôr

A Dôr sagrada que venero e que amo
Elo que à terra prende a sua imagem
A Dôr que é a Musa e a própria Poesia.

E assim vivendo a dor que a mim reclamo,
Versos vertendo, lágrimas rolando,
Vou aumentando o amor com que a queria

Sérgio Vellozo

Cartas de Joaquim Nabuco a Graça Aranha

XXX

Génova, 10 Junho (1903)
Meu caro Dr. Graça,

Envio-lhes os nossos sentidos
pêames. Helas! a vida é isso
mesmo, tão ázeds contínuos gol-
pes sobre os que têm coração.
Meus ouvidos não vão bem, e
estou resolvido a ir a Viena,
para, quando mais não seja,
trazer um atestado de invalidez
à força de trabalhar para o
país. E' o caso do Inglês do
Amaral que pretende ter en-
surdecido por causa dessa mes-
ma questão, quekando-se dos
fios de Sinencas e Sevilha. Co-
mo o Sr. ainda não viu Viena,
devo dar-lhe a preferência,
desde que não vájo sem um
Secretário por causa dos tra-
balhos. E' leve trabalho! Não
sei se lhe conviria o passeio.
Se tem que ir a Carlsbad, era
meio caminho andado, mas me
parece cedo para Carlsbad. Eu
não poderia infelizmente iden-
tificar o senão das passagens por
conta do Estado. Desse modo
sua despesa crescerá com a
viagem, e por isso não me pa-
rece uma proposta de amigo
a oferta que lhe faço, ou a
preferência que lhe dou.

Tenho imenso trabalho ain-
da a fazer, e sem o Sr. con-
fesso que a gente de Paris anda
sem feitor. Não sei como o po-
derá dispensar lá, sua saúde
permitindo a simples fiscaliza-
ção, e o clima. Essa viagem a
Paris será (as despesas de pas-
sagem, suas e da família) por
conta da verba, se lhe convier
o arranjo. Sinto não poder pa-
gar senão as passagens e algu-
ma pequena diferença. Não te-
mos que esperar grandes lar-
guzas e o estado do nosso or-
çamento, com as contas de Im-
pressão da 2.ª Memória e 3.ª
e mensalidades, é pouco ani-
mador.

Quanto a mim como ir a
Carlsbad? As águas enfraque-
cem, e eu preciso ganhar forças
cada dia até ao fim da 3.ª
Memória. Depois descansar.
Pedi ao Barros Moreira que
me visse quais são os seus pla-
nos e desejos para eu na me-
dida em que o puder fazer, ir
no encontro deles. Já o imagino
cortando as amarras e fazendo-
se ao largo. O que lhe posso
dizer é que só tenho um dese-
jo: que tudo lhe aconteça do
modo mais feliz possível. O que
eu escrevi ao João Ribeiro, ao
nosso "espanhol", não lhe terá
escrito, porque ele é um soli-
tário, o Sr. um agremiado; ele
um ausente, mesmo lá, o Sr.
um presente, mesmo de cá; e o
meio de que um carece diverso
do meio de que carece outro;
ele precisa ser corrigido, com
a alma estrangeira, pela at-
mosfera brasileira; o Sr. com a
alma brasileira, precisa ser di-
latado pela atmosfera geral.
Demais tudo isso que fazemos
parece um tour de force. Come-
çando do meio não penso no
imigrante, filho ou neto de
imigrante. Que alma tem eles
o de que meio precisam? Do
meio do antigo tronco ou do
meio do novo enerto? Meio
supõe, na evolução, longas sé-
ries anteriores, muitas cam-
adas de estratificação.

Até quando?

Do seu mt.º dedicado
J. N.

Telegrama de 22-6-03

Nossos sentidos pêsames fa-
cilmente seu cunhado — Na-
buco.

XXXI

Meu caro Dr. Graça,

Veja o atestado que o Gou-
veia lhe dá.

Teria ele pensado que eu es-
taria ansioso por causa do meu
lugar-tenente, quando o estou
pela estreiteza do prazo à vista
do mundo que temos que tirar
do prelo? Dos meus sentimen-
tos a seu respeito, e da felici-
dade que sinto em o haver tra-

zido comigo, não lhe direi na-
da. Não desejava, porém, para
o Sr. a espécie de trabalho
que me tocou, e de cuja aridez
é prova mesmo a minha pri-
meira Memória. Por isso não
o imaginei nunca fazendo o que
faria o Ramis Galvão. O Sr. é
nesta questão uma parte de
mim mesmo, e ambos nós, que
fazemos um só, precisamos ter
um especialista como aqú-
le ao nosso lado, mesmo para
continuar a obra, se eu falhas-
se, aqui devo dizer eu, sem ser
preciso obter uma prorrogação
importante. Se eu não tiver um
intervalo entre a primeira Me-
mória e a segunda para re-
fazer-me, estou arranjado.

Tudo depende dos impresso-
res. E' preciso ver o mínimo
de tempo que o Lahure pede
para dar a Memória francesa
pronta, e compará-lo com o
Chamerot. E' ao mesmo tempo
fazê-lo dar o original portu-
guês no mais breve espaço pos-
sível. Tudo depende disto. De-
pois de Natal não quero parar
de trabalhar por falta de pro-
vas.

Sempre seu

J. N.

E' preciso que o Raul se en-
tenda com Lahure seriamente,
ou telegrafar-lhe.

J. N.

XXXII

A Mme. Graça Aranha
Udine

Estou arrastando seu marido
e por isso devo-lhe contar dele.
Vai muito bem por ora, e des-
cansado. Sabe que ele comigo
está em boas mãos. Espero res-
tituir-lhe o melhor do que o re-
cebi.

Saudades aos nunca esqueci-
dos amiguinhos.Do seu muito dedicado
18-6-03 J. Nabuco

XXXIII

Meu caro Amigo,

Muito obrigado pela sua afet-
tuosa carta. Ainda estou aqui
trabalhando. Tem sido 4 me-
ses de trabalho incessante. Lá
se foi a minha cura de Gasteln,
não sei quando poderei seguir
para Viena. Ai passarei Outu-
bro. Não sei ainda onde irei
escrever a terceira Memória.
Se sei a última hora, porque
como é trabalho todo meu, que
faço, só, não quero ter tomar
compromissos nem comigo mes-
mo. Aliás para muitos os que
tomam consigo dessa natureza
são os piores. Eu não sou tel-
mo. Não sei onde poderei
encontrar as condições que
achei aqui para trabalhar. Nem
uma só interrupção. Um gabi-
nete de trabalho no meio de
um parque, o mais perfeito re-
tiro imaginável pela comodida-
de de tudo.

Por onde quer que eu me
decida não lhes fará diferença,
porque será por perto, ou em
Veneza, ou em Nervi (perto de
Génova), ou em Cannes (que
são os lugares em que estou
pensando) o desvio do seu ca-
minho será curto. Sabe como
aprecio a sua companhia, mas
para mim o principal é a sua
saúde e o seu conforto. Não
se quiseira perto de nós fa-
zendo nenhum sacrifício. O que
farão da sua casa de Romana?
O momento atual me parece
muito bom para a sua ida para
o Brasil do ponto de vista dos
affaires, desde que o C. de
Carvalho os está dirigindo e
tem toda confiança no Sr. Por
esse lado eu confiarei mais do
que pelo do Paranhos, cujas
intensões só conheço a respeito
do Domicílio. Mas pelo lado da
saúde? E' verdade que ao pri-
meiro sinal o Sr. poderia emi-
grar novamente, pelo menos
sair do Rio. A vida é um pro-
blema tão sério, de tantas in-
côgnitas, que a gente desiste
de o resolver para si mesmo,
resolvendo-o sempre ao acaso

e sob a inspiração do momento;
quanto mais quando se trata
de resolvê-lo para outros que
nos não caros! Não sei nada,
nada posso dizer. Creio na sua
estrela, se ter estrela é ter in-
vejação pelas massas que labu-
tam em vão, para chegar aonde
o invejado chegou sem esforço
e fugindo às acalimações, e so-
lhe posso oferecer em matéria
de conselho os meus votos para
que tudo lhe seja bem succe-
dido, assim como a Dona Yayá,
a Heloisa e o Temistocles, des-
de que o seu problema é qua-
druplo. Em Novembro nos ha-
vemos de ver, se não tiverem
desido para Roma por causa
da casa e do Colégio. Os meus
filhos têm perdido muito com
a vida de hotel, sem cursos,
nem professores fixos. Os seus
estão aproveitando pelo que te-
nho visto.

Já escrevi ao Ruffier, ao
Delgado, ao Trope e a Madame
Ferreira despedindo-me deles e
dando-lhes os meus agradeci-
mentos pessoais. Até o fim do
ano pago-lhes a gratificação
convencionada. Depois não te-
rei mais trabalho, estando tudo
acabado. Mme. Ferreira irá pa-
ra Londres, mas está surgindo
uma dificuldade quanto ao pa-
gamento do auxiliar da Legação
pelas novas ordens do Rio
Branco, que suprimiu a verba
de publicidade, autorizando as
despesas justificadas perante a
delegacia. Pretendo escrever a
Terceira Memória em francês.

Quando me custa dizer adeus
aos nossos auxiliares. Em bre-
ve nos diremos uns aos outros.
Mas a vida é assim, e este terá
sido um belo trecho dela. Es-
touro talvez condenado a re-
fugiar-me nas recordações, lá
se foram os ouvidos para a mú-
sica, o espírito, o convênien-
cia, o que já aumentou muito o pa-
pel da memória na elaboração da
felicidade que me é pre-
ciosa para viver, e breves não
poderei mais permitir-me a dis-
tração das 10 horas de trabalho
por dia. Tenho hoje neces-
sidade de trabalhar sem parar.
Quando ficar livre do Tacutu
e sóto na literatura, hei de
ser um outro Oliveira Lima. E'
verdade que as tarefas deste
me parecem hoje ilipitantes.
Para descansar em Viena, creio
que aprenderei o Alemão em
um mês. Se não ficar ouvindo
melhor, não terei perdido a
viagem.

Lembranças afetuosas a to-
dos, não esquecendo seu irmão
a quem desejo uma feliz che-
gada.

Do seu Mt.º sincermt.

Joaquim Nabuco

XXXXV

Challes, 6 de Set.

Meu caro Amigo,

Ai vai o que o Gouveia me

escreve.

"Eu aconselhei a Ferreira,
que desejava muito ver os Gra-
ças em St. Moritz, que fosse
quanto antes para Beuhen ou
Menton, por estar ele muito
prostrado, depois do ter tido
novas hemoptises. Ela ainda
insiste por ir ao Norte da Itá-
lia, sempre na esperança de en-
contrar-se com os Graças, mas
eu li'a proibido terminantemente,
não sabendo se será atendido,
tamanha pena lhe fia eu com a
minha declaração formal de
que Suíça e sobretudo a mon-
tanhã lhe poderia provocar he-
morrhagia mortal. Ela ganhou
muito o ano passado com pou-
co tempo de Menton e eu estou
certo que o mesmo lhe vai suc-
ceder agora, sendo que lhe
aconselhei que, quando viessem
os frios, fosse para a Algéria
reforçar-se para a vida de Lon-
dres. Por amor dela e dos Gra-
ças V. insista em que ela siga
os meus conselhos".

Que posso eu fazer? No en-
tanto ela deve obedecer. A es-
colha nesses casos está entre a
obediência cega e o suicídio.

Verbetes para um Dicionário Bio-bibliográfico

Americano, Domingos Mari-
nho de Azevedo. Nasceu na
provincia de Minas Gerais a 12
de Fevereiro de 1813, e era filho
de José Marinho de Azevedo e
D. Ana Rosa da Cunha Aze-
vedo. Doutorou-se em Medici-
na em 1838 pela Faculdade do
Rio de Janeiro. Foi, no ano se-
guinte, nomeado lente substituto
da seção cirurgica da mesma
Faculdade. Em 1840 foi a Eu-
ropa, em comissão científica do
estabelecimento em que era
professor. Ao regressar, deu,
em 1844, um curso especial de
molestias do peito. Foi nomea-
do catedrático de partos a 17
de Janeiro de 1851. Era médico
do Hospital Militar da Guar-
nição da Corte, com a grada-
ção de major. Pertencia a Aca-
demia Imperial de Medicina e
ao Instituto Histórico. Faleceu
a 9 de Junho de 1851.

Escreveu:

— *Disertação sobre a frenolo-
gia*. Rio — 1828 — 72 págs.
E' a sua tese de doutora-
mento.

— *Disertação inaugural so-
bre a Histeria*. — Tese, etc.
do concurso — Rio — 1829, 53
págs.

— *Memória sobre o estado
atual das instituições médicas
na França, Prússia e Grã-Bre-
tanha*. — Rio — 1845 — 123
págs.

Existem deste autor vários
relatórios, dissertações, etc.,
bem como estudos publicados
no Arquivo Médico Brasileiro.
Amazonas, Lourenço da Silva
Araújo — Nasceu na provincia
da Bahia, a 9 de Agosto de 1803,
e pertenceu à Armada Imperial,
tendo atingido o posto de capi-
tão de mar e guerra. Teve im-
portantes comissões na região

amazônica, e percorreu longa-
mente os grandes rios que a
banham. Foi inspetor do Arsen-
al de Marinha da Bahia. Em
cavaleiro da Ordem da Rosa e
da de S. Bento de Avila, com-
mandador da Ordem de Cristo
de Portugal. Pertencia ao Ins-
tituto Histórico. Faleceu a 4 de
Maio de 1884.

Escreveu:

— *Dicionário topográfico, his-
tórico e descriptivo da comarca
de Alto Amazonas* — Recife,
1852, 383 págs.

— *Memória sobre uma mar-
rinhação de guerra para guar-
nição da Armada Imperial*. —
"Journal do Commercio", do Rio de
Janeiro, ns. 34, 35 e 37 de 1854.

— *Sinô. Romance histórico
de Alto Amazonas* — Recife,
1867, 258 págs.

— *Dicionário typico-portu-
guês e português-typico*. Era
propriedade do Instituto Histo-
rico, ao qual foi oferecido pela
família do autor, servindo de
intermediário o sócio Bras da
Costa Rubim. Estava inédito.

— *Navegação do Amazonas*.
Também estava inédito. Foi
escrito em resposta a dois ar-
tigos do "Journal do Comércio",
de 19 e 22 de Agosto de
1849, e enviado ao Ministro da
Marinha of.icio de 4 de Ou-
tubro do mesmo ano.

ARMANDO MONTEIRO

Tendo permanecido alguns
dias na Capital Federal, em-
barcou, na quinta-feira passa-
da, para Recife, o Deputado
Armando Monteiro, grande in-
dustrial e politico dos mais in-
fluentes no Estado de Pernam-
buco.

nhamos uma Academia de
Ciências Históricas. Literatura
não nos tem faltado ultima-
mente. Vou chelo de livros bra-
sileiros para Viena.

De-me, porém, notícias de
sua saúde. Tudo é incerto nes-
te mundo, e eu mesmo me
reputo um milagre de sobre-
vivência e não posso deixar de
admirar a resistência do fio que
há tanto tempo me suspende
sobre o nada. Mas não o quero
saber nesse meu precioso in-
definido (que dura há vinte
anos, consolidando-se sempre),
e sim com a perfeita segurança
de um prazo limitado.

Os seus problemas são for-
mulados pelo coração, e manter
o grupo, que ele formou, e de
que o Sr. é o centro, completo
até a moldura ter adquirido a
"patine" de uma época desa-
parecida, é como eu formulei
por ele o seu problema.

Sujeite tudo à consolidação
completa da sua cura. Não se
deixe desviar, isto é, não se
deixe nem destruir. Seja me-
todico, absoluto, directo, exclu-
sivo nesse propósito único. Tu-
do mais virá como consequên-
cia, como presente gratuito da
fortuna.

Em uma palavra, mande-me
boas notícias presentes e fu-
turas.

Afetuosas lembranças a to-
dos.

Do seu mt.º dedicado

J. Nabuco

(Veja AUTORES E LIVROS,
vol. IX, págs. 9 e 81; e vol. X,
pág. 9).

NOTICIA SOBRE...

(Continuação da pág. 57)
inhames, os carás, a man-
dioca, os alpins, o arroz...

Tudo isso Botelho de Ol-
veira canta e celebra, e sen-
timos em seus versos que
ele ama enternecida, filial-
mente, esse seu mundo fres-
co, novo e virgem, esse seu
mundo inaugural: o Brasil.

Botelho de Oliveira é
patrono da Academia Bra-
sileira de Letras (quatro
dos correspondentes) e da
Academia Bahiana de Le-
tras.

"O Corvo", de Edgar Poe

X — TRADUÇÃO DE MILTON AMADO

Foi uma vez: eu reflectia, à meia-noite, erma e sombria, a ler doutrinas de outro tempo em curisísmos manuais, e, exausto, quase adormecido, ouvi de súbito um ruído, tal qual se houvesse alguém batido à minha porta, devagar. "E' a quem?" — fiquei a murmurar — "que bate à porta, devagar;

sim, é só isso e nada mais".

Ah! Claramente eu o recembro! era na gélida dezembro, e o fogo, agônico, animava o chão de sombras fantasmas. Ansiando ver a noite finda, em vão a ler buscava ainda algum remédio à amarga, infinda, atroz saudade de Lenora — essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora

e nome aqui já não tem mais.

A seda rubra da cortina arfava em lúgubre surdina, Arrepiando-me e evocando ignótos medos sepulcrais. De susto, em páfida aritmia, o coração veloz batia e a sossega-lo eu repetia: "E' um visitante e pede abrigo. Chegando tarde, algum amigo está a bater e pede abrigo.

é apenas isso e nada mais".

Ergui-me após o calmo enfim, sem hesitar, falei assim: "Perdoai, senhora ou meu senhor, se há muito aí fora me esperais; mas é que estava adormecido e foi tão débil o batido, que eu mal podia ter ouvido alguém chamar à minha porta, assim de leve, em hora morta. Escanearei então a porta,

— escuridão e nada mais.

Sondei a noite erma e tranquilla, olhei-a fundo, e perquiri-la. Sonhando sonhos que ninguém ousou sonhar iguais. Estarrecido de ansia e medo, ante o negro imoto e quédo, só um nome ouvi (quase em segredo eu dizia) e foi: "Lenora" e o eco, em voz evocadora, o repetiu também: "Lenora!"

Depois, silêncio, e nada mais.

Com a alma em febre, eu novamente entrei no quarto e de repente, mais forte, o ruído reconheça e repercutiu nos vitrais. "E' na janela" — penso então, — "Por que agitar-se de aflição? Conserva a calma, coração! E' na janela, onde, agourento, O vento sopra. E' só do vento esse rumor surdo e agourento.

E' o vento só, e nada mais.

Abro a janela e eis que, em tumulto, a esvoaçar, penetra um vulto: — é um Corvo hierático e soberbo, agressivo de eras ancestrais. Como um fidalgo passa, augusto e, sem notar sequer meu susto, adeja e pousa sobre o busto — uma escultura de Minerva, bem sobre a porta; e se conserva ali no busto de Minerva,

empoleirado, e nada mais.

Ao ver da ave áustera e escura a soleníssima figura, desperta em mim um leve riso, a distrair-me de meus ais. "Sem crista, embora, o Corvo amigo e singular" — então lhe digo — não tens pavor. Fala comigo, alma da noite, espectro torvo, qual é o teu nome, ó pobre Corvo, o nome teu no inferno torvo!"

E o Corvo disse: "Nunca mais".

Maravilhou-me que falasse uma ave rude dessa classe. Pois nunca soube de vivente algum, outrora ou no presente, que igual surpresa experimente: a de encontrar em sua porta, uma ave (ou fera, pouco importa), empoleirada em sua porta,

E que se chame "Nunca mais".

Diversa coisa não dizia, ali pousada, a ave sombria,

com a alma inteira a se espelhar naquelas sílabas fatais. Murmuro, então, vendo-a serena e sem mover uma só pena, enquanto a máguia me envenena: "Amigos... sempre vão-se embora". Como a esperança, ao vir a aurora. Ele também há de ir-se embora!"

E disse o Corvo: "Nunca mais".

Vou ao silêncio, com tal nexo, essa resposta que, perplexo, julgo: E' só isso o que ele diz: duas palavras sempre iguais. Soube-as de um dono a quem tortura uma implacável desventura e a quem, repleto de amargura, apenas resta um ritornelo de seu cantar: do morto anelo, um epitáfio: — o ritornelo

"de "Nunca, nunca, nunca mais".

Como ainda o Corvo me mudasse, em um sorriso a triste face, girei então numa poltrona em frente no busto, à ave, aos umbrais e, mergulhando no coxim, pus-me a inquirir (pois para mim, visava a algum segredo fim) que pretendia o antigo Corvo com que intenções, horrendo, torvo, esse ominoso e antigo Corvo

graspava sempre: "Nunca mais".

Sentindo da ave, incandescente, o olhar queimar-me fixamente, eu me abismava, absorto e mudo, em deducções conjecturais. Cismava, a fronte reclinada, a descansar, sobre a almofada dessa poltrona veludada em que a luz cai suavemente, dessa poltrona em que ELA, ausente, à luz que cai suavemente,

Já não repousa, ah! nunca mais...

O ar noreceu-me, então mais denso e perfumado, qual se incenso ali descessem a espazir turbulências celestiais. "Misero!" — exclamo — "Enfim teu Deus te dá, mandando os anjos seus, esquecimento, U dos céus, para as saudades de Lenora. Sorve o nepentes. Sorve-o, agora! Esquece, olvida essa Lenora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta" — brado — "Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal que o Tentador lançou ao abismo, ou que arrojaram temporais, de algum naufrágio, a esta maldita e esteril terra, a esta, precita, mansão de horror, que o horror habita, — imploro, diz-me, em verdade: EXISTE um bálsamo de Galaad? Imploro! Diz-me, em verdade:

E o Corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta" — exclamo — "Ó ser do mal! Profeta sempre, ave infernal! Pelo alto céu, por esse Deus que adoram todos os mortais, fale se esta alma sob a guante atrás da dor, no Eden distante, verá a deusa fulgurante a quem nos céus chamam Lenora — essa, mais bela do que a aurora, a quem nos céus chamam Lenora!"

E o Corvo disse: "Nunca mais".

"Seja isso a nossa despedida! — ergo-me e grito, alma incendiada — "Volta de novo à tempestade, aos negros outros infernais! Nem leve pluma de ti reste aqui, que tal mentira ateste! Deixa-me só neste ermo agreste! Alça teu vôo dessa porta! Retira a garra que me corta o peito e vai-te dessa porta!"

E o Corvo disse: "Nunca mais".

E lá ficou! Hirto, sombrio, ainda hoje o vejo, horas a fio, sobre o alvo busto de Minerva, inerte, sempre em meus umbrais. No seu olhar medonho e enorme o anjo do mal, em sonhos dorme, e a luz da lâmpada, distornte, atira ao chão a sua sombra. Nela, que ondula, sobre a alfombra, esta minha alma; e, pressa à sombra,

não há de erguer-se, ah! nunca mais!

(Pensamento da América, 24 de Dezembro de 1944, Ano III, n. 12).
(Nota — Veja AUTORES E LIVROS, vol. IX, págs. 21, 23, 51, 60, 111, 147; vol. X, págs 10 e 33).

Uma pagina de prosa de Manoel Botelho de Oliveira

(Continuação da pág. 46)
singular prudência desta acção, que Sua Magestade lhe fiara, fez marchar o exercito com tão admirável ordem, que todos os Cabos Nacionais, e Estrangeiros concorreram a dar-lhe os parabéns do acerto, com que Vossa Excelência por He-roe capaz, e digno de outros maiores as Magestades ambas, pois na bararia, que se fez no Porto de Aguada em sete de Outubro, vendo-o livre da balas do inimigo, especialmente de uma que lhe chamuscou a anca, a cauda do cavallo, em que andava montado, não podendo desmular o seu jubilo, davam também multiplicados parabéns a Vossa Excelência de escapar a todos perigos, em que o meteo o seu valor, e de que o livro a Providencia Divina, favor bem merecido da piedade com que Vossa Excelência soccorria na Campa-nha aos soldados com tão

repetidas esmolos, escudos fortissimos que o defendem dos maiores apertos da terra, ao mesmo tempo que lhe servem de poderosas armas, com que Vossa Excelência está conquistando o Céu. Mais pudera dizer de outras muitas heroicas acções, relevantes prendas, e singulares virtudes de Vossa Excelência, se este epitogado papel fora capaz de tanto empenho! porém, como nelle não cabe a multiplicitade de tantos titulos, quantos as acreditam seja temeridade querer recopilar, um mar immenso em tão limitada concha, e copiar figura tão agigantada em um quadro tão pequeno. Guarde Deus a pessoa de Vossa Excelência por dilatados, e felicissimos annos para gloria de Portugal.

De Vossa Excelência Menor, subdito,
MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

PLANO EDITORIAL DO IPÊ

Constam do plano editorial do IPÊ, grandes obras de História Universal, tais como:

"História da Idade Média", de Gioacchino Volpe, "História dos EE. UU.", de Charles Beard e Mary Beard, "História da revolução soviética", de W. H. Chamberlin, e mais uma obra fundamental de Benedetto Croce, "História da Europa no século XIX".

Continuando a Série História Literária que já nos deu a história das literaturas italiana, russa e norte-americana, apparecerão: "História da Literatura Francesa" de Bédier e Hazard e "História da Literatura Alemã", de Vittorio Amoretto.

Alma outras obras de caracter historico serão publicadas na série Pantheon Brasileiro e Pantheon Universal. A primeira apresentará uma importante galeria que se inicia com "Ruy Barbosa", de Mario de Lima Barbosa, seguindo-se "Joachim Nabuco", de Celso Vieira,

Tranquilidade na adversidade

Magnifico relato de Plutarco. — Celebrava-se uma festa na Lacedemonia. A cidade regor-gitava de estrangeiros, vindos para assistir ás ginopedias. E os céros disputavam o premio ao teatro.

Foi em tal momento que surgiram os emissários, annunciando o desastre de Leutres.

Os esforços immediatamente comprehendiam o quanto aquilo iria prejudicar os seus negócios; immediatamente perceberam que o império da Grécia estava perdido para elles.

Entretanto, ordenaram ao côro que permanecesse na arena; e tomaram medidas para que a cidade em nada mudasse o seu aspecto festivo.

Fizeram, porém, chegar em cada casa, a cada paç, o nome do filho morto.

Assim terminaram o espectáculo, louvaram os artistas, aplaudiram os formosos exercicios dos céros.

No dia seguinte, pela manhã, tiveram as listas completas dos sobreviventes e dos mortos. Então os pais dos mortos vieram para a praça publica, e abraçaram-se todos, com alegria e coragem. Ao contrario, os pais daqueles que haviam ficado vivos permaneciam como se estivessem de luto, encerrados em casa com as mulheres... E se algum d'elles tinha necessidade imperiosa de sair á rua, via-se, pelo seu aspecto, pela sua voz, pelo seu olhar, pelo seu ar de abatimento, a humilhação profunda que estava sentindo...

Mas as mulheres principalmente é que seria curioso observar. Esta esperava o filho: ele estava vivo, e com certeza dali a pouco viria abraça-la; e entretanto ella se mostrava abatida e muda... Aquellas haviam perdido os filhos: corriam, entretanto, para o templo, falando com alegria, felicitando-se com um mutuo orgulho.

(Vida de Aguilau).

Uma fonte de Ronsard

MUCIO LEÃO

Divertimento dos mais interessantes e dos mais agradáveis, o acompanhar, através dos séculos e das literaturas, o mistério da criação poética. Pesquisar, em suas origens mais remotas, a ideia central de uma tragédia ou de um drama de Shakespeare — que tarefa cheia de sedução, e às vezes de deliciosas surpresas!

Usando a modesta prata de nossa própria casa, Humberto de Campos compôs uma série de anotações muito sugestivas, acerca dos donos de nossos versos. E, embora tivesse ali ficado adstrito às letras brasileiras, mostrou como existe uma funda e inevitável influência de uma poesia nos outros, mostrou como a obra literária é condicionada, sempre, a outras obras anteriores, que a explicam e mesmo autorizam... Já sabíamos disso, não há dúvida. Mas foi útil o trabalho que Humberto de Campos se deu, ao apontar os motivos de tantos fugidos poemas, de tantos maravilhosos versos.

Por hoje, saindo um pouco dos limites das letras brasileiras, procurarei traçar a marcha de uma ideia que se tornou um lugar-comum da poesia universal. Refiro-me à comparação da mulher com a flor (coisa que certamente já ocorria ao venerando pai Adão, no Paraíso); e, mais precisamente, da mulher nova e digna de ser amada, com a flor ainda virgem e fresca.

Parece que nessa corrente de ideias o trabalho que se tornou mais famoso em todas as literaturas foi o de Ronsard. Galante e sutil, o velho poeta fazia a comparação, e concluiu aconselhando a mulher-amada que o quisesse, enquanto não envelhecia, enquanto não se tornava murcha e imprestável como havia de acontecer com as flores... Eis o soneto do mestre de "Pleiadade":

Je vous envoie un bouquet que ma main
Vient de trier de ces fleurs épanies:
Qui ne les eut à ce vèpre cueillies,
Chutes à terre elles fussent demies.

Cela vous soit un exemple certain
Que vos beautés, bien qu'elle soient fleuries,
En peu de temps cherront toutes flétries
Et comme fleurs périront tout soudain.

Le temps s'en va, le temps s'en va, ma Dame,
Las! le temps non, mais nous nous en allons
Et tôt serons étendus sous la lame;

Et des amours desquelles nous parlons,
Quand seront morts, n'en sera plus nouvelle:
Pour ce aimez-moi cependant qu'êtes belle.

Manuel Bandeira amou esse soneto do velho poeta francês, e, em sua face poética inicial, o interpretou desta forma:

PARAFRASE DE RONSARD

Foi para vós que ontem colhi, senhora,
Este ramo de flores que ora envio.
Não no houvesse colhido e o vento e o frio
Tê-las-iam crestado antes da aurora.

Meditai nêsse exemplo, que se agora
Não sei mais do que o vosso outro macio

A VIDA DOS LIVROS

(Continuação da pág. 43)
que encerra, parece-nos interessante transcrever aqui:

Exercitando essa faculdade, o Chefe do Governo decretou duas mil e poucas reformas e aposentadorias, algumas das quais a título de prêmio e outras até a pedido. Essas foram em maior número. O Sr. Salgado Filho, digníssimo e honrado Ministro do Supremo Tribunal Militar, por exemplo, foi aposentado, possivelmente, por conveniência do regime, para servir como Ministro da Aeronáutica, o que fez prestando realmente ao país, inestimáveis serviços.

Registrando o aparecimento do livro do Sr. Leopoldo Cunha Melo queremos acentuar o espírito de progresso que em geral inspiram as páginas redigidas pelo Procurador do Tribunal de Contas. Acha-mos nêle um homem justo, equilibrado, capaz de sentir, ao lado ou adiante do texto frio da lei, essa imensa e dolorosa realidade filosófica — o saber, que só a fraqueza, só o sofrimento, presidem a vida dos homens.

LIVROS RECEBIDOS

Caldwell, Taylor — *Dinastia da Morte* — Tradução de Lígia Junqueira. — Coleção Oceano, 20 — Instituto Progresso Editorial S. A. — São Paulo, 1948, 696 págs.

Castro, Mauro de Moraes e — *Senhens*. Prefaciado pelo escritor Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras. Oficinas Gráficas do

"Jornal do Brasil". Rio de Janeiro, 1948, 80 págs.

O autor é poeta, e figurou, em nossa primeira fase, em uma de nossas páginas dedicadas aos autores novos, *Senhens* — palavra que na língua tupi significa aglomerado ou coleção — é uma coletânea de pequenos ensaios, acerca de assuntos vários e várias figuras, e nos quais o autor revela o seu gosto pelos assuntos do pensamento e da meditação.

Cuadernos Dominicanos de Cultura. — Ano VI, número 41 — Septiembre de 1948. Vol. VI, 35 págs. — É um número dedicado a Stéphane Mallarmé. Traz uma carta de P. Valéry sobre o poeta, dirigida a Rafael Dias Nisse, e vários poemas de Mallarmé. — Número 62 — Outubro de 1948 — Vol. VI, 39 págs. — Colaboração vária. Guimarães Filho, Alphonse de — *A Cidade do Sul. Poesia*. — Coleção Marília de Direcu, 1 — Movimento Editorial Panorama. — Caixa Postal 727 — Belo Horizonte — Minas Gerais, 1948, 103 págs.

Jacques, Paulino — *Da igualdade perante a lei* — Rio de Janeiro, 1947, 189 págs.

É a tese que o autor apresentou no concurso para o 1.º prêmio de Direito Constitucional, na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil. Historiador e romancista, o sr. Paulino Jacques empresta a um tema

Rosto nem boca de melhor feitio,
A tudo a idade altera sem demora.

Senhora, o tempo foge... o tempo foge...
Com pouco morreremos e amanhã
Já não seremos o que somos hoje...

Por que é que o vosso coração hesita?
O tempo foge... A vida é breve e é vã...
Por isso, amai-me... enquanto sois bonita.

É curioso seguir até mais longe o delicioso poemazinho de Ronsard. Na coletânea dos "Amours divers", do velho poeta francês, encontro este soneto submetido ao título de: "Imitação de Marulo". Passamos, assim, da França para Constantinopla e Florença, entre o século XV e XVI.

Esse Marulo, com efeito — Miguel Tarcianota Marulo — era um grego, nascido em Constantinopla cerca de 1440. Fê-se e viveu em Florença, onde morreu com cerca de 60 anos. Só escreveu em latim. Foi autor dos "Epigrammata" e dos "Hymni".

É no primeiro desses livros que se acha o famoso epigrama, imitado por mestre Ronsard. Eis a peça de Marulo:

Hes violas atque hacc tibi candida lilia mitto,
Legi hodie violas, candida lilia heri
Lilia, ut instantis monearis, virgo, senectae,
Tum cito quae lapsa marceda foliis.
Illa, ut vere suo doccant ver carpere vitae,
Invida quod miseris tam breve Parca dedit.
Quod si tarde venis, non ver breve, non viles, sed
Pro facinus sentes, cana, rubosque metes.

Não se pense, porém, que Marulo só ouvia a voz da sua ternura apaixonada e trêfega, ao dirigir à esquiva imagem de seus desejos uma exortação tão eloquente. Não: ele compunha os seus versos latinos com a Antologia Grega entre as mãos. E lá podia ler num epigrama de Rufino — poeta grego, de biografia desconhecida, que parece ter existido no segundo século da era cristã, e que figura largamente naquela encantadora coletânea de poemas líricos — esta amorosa meditação que deu origem à sua:

Numa coroa de flores

Eu te envio, Rodocleia, esta coroa, que minhas próprias mãos formaram com tão lindas flores. Nela encontram-se lírios, botões de rosas, anêmonas que se abrem ao vento sul, violetas de brilho escuro. Coroa-te com ela e deixa de ser tão soberba. Lembra-te de que, como esta coroa, tu também floresces, tu também te acabas.

Ai está uma longa e de certo cativante viagem. Se quisessemos alongá-la, poderíamos talvez fazê-lo. A comparação da mulher moça e formosa com a flor ainda em seu brilho, seguida da conclusão filosófica de que a beleza e o amor murcham como as flores — talvez a encontremos num elegiaco latino, próximo de Horácio ou de Ovídio, ou talvez até num remoto poeta grego, contemporâneo das guerras persas. Tão distante se acha a fonte generosa e divina de toda a poesia dos tempos!

- Vários retratos de Castro Alves.
- Lunnes, José — *Candeia* — 2.ª edição aumentada. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1948, 137 págs.
- *Tradução, Revista de Cultura*, Suplemento da Tribuna de Petrópolis. Diretor responsável, Hugo Auler. Ano XII. Nova fase, n.º 16 — Outubro, Novembro e Dezembro de 1948.
- *Revista Ess*, n.º 129 — Outubro-Dezembro de 1948 (Rio de Janeiro).
- *Revista das Academias de Letras, Orgão da Federação das Academias de Letras do Brasil*. Número 63. Rio de Janeiro, 1.º Semestre de 1948, 150 págs.
- Piloto, Valdirio — *Rua de Pedra* — Poesias de — Gráfica Mundial Ltda. Curitiba — 1948, 158 págs.
- *Revista da Academia Paulista de Letras*, ano XI, n.º 44 — 13 de Dezembro de 1948, 184 págs.
- Cox, Dilermando Duarte — *A Fiscalização do Imposto do Consumo e o seu lado piteresco* — Rio de Janeiro, 1949, 296 págs.
- Ricardo, Jacy G. — *Canto Chorado* — São Paulo, 1949, 154 págs.
- Martini, Mário M. — *Estudo sistemático dos verbos portugueses (3.ª edição)* — Gráfica Olímpica Editora — Rio de Janeiro, 1948, 236 pgs.
- Pena, Cornélio — *Repouso*. Romance. Capa de Santa Rosa. Editora A Noite, Rio

(Continúa na pág. 48)

O PROGRESSO DA CIENCIA

De maneira geral, é fácil estabelecer uma regra: quanto mais delicada é uma ciência, mais lentos são os seus progressos. Não quero com isso estabelecer uma graduação aristocrática entre as ciências. Quero apenas frisar que quanto mais precisos são os dados com que ela lida, quanto mais material for o campo em que ela trabalha, tanto maiores são os progressos a que ela atinge.

Olhem para a Astronomia, que como colocava no início das ciências, logo após as Matemáticas. Vede como é imenso o progresso que nela o homem fez. Devassou mundos e mundos, chegou a estrelas que não existem há milênios, invadiu o infinito, pesar aos orgulhosos, capazes de conter milhões de vezes o nosso planeta, ultrapassou em cálculos vertiginosos os satélites de Aláir, de Algol... E alguma coisa isso. E maravilhosos esse imenso romance da Astronomia. Difícilmente haverá página na história do pensamento humano que valha a descoberta de Netuno. Percorreu Le Verrier que uma força estranha, sobrelevada, ocasionalmente inesperadas perturbações sobre o planeta Urano. Foi-se a observá-lo, a esse remotíssimo irmão da Terra, um dos primogênitos do Sol. E, no estudo de um ano, conseguiu precisar a massa, a órbita, a posição desse novo astro, que perturbava o outro. Mas nada podia saber ao certo, acerca de tão estranho indivíduo celeste... "Se o astro que se precisava descobrir (informou ele, então) pode ser compreendido, quanto ao aspecto, como as estrelas, será preciso, para distingui-lo entre elas, observá-lo todas as estrelinhas que são vistas na região do céu que devemos explorar, e encontrar, entre todas, uma que tenha seus movimentos próprios. Será um trabalho sem dúvida longo e penoso. Mas se, ao contrário, o disco do astro tiver uma amplitude sensível, que não permita confundir-lo com as estrelas, se se puder constatar, com a posição rigorosa de todos os pontos luminosos, um simples estudo de sua aparência física, as pesquisas prosseguirão rapidamente..."

Isso escrevia Le Verrier em Agosto de 1848. Um mês depois, em uma carta, ele pediu a Galle, astrônomo de Berlim, que pesquiasse o planeta. Recebida a carta na tarde de 23 de Setembro, Galle, na mesma noite, tomou de uma excelente carta celeste, que Bremke acabara de levantar. Notou então que havia no céu uma estrela de 8.ª grandeza, que não se encontrava referida no mapa de Bremke. No dia seguinte, verificou que essa estrela havia mudado de posição. Era o planeta de Le Verrier! A Astronomia tinha dado o um dos seus maiores e mais maravilhosos passos.

De certo os progressos dessa ciência são vertiginosos e deslumbrantes. Outrora, a Terra era o orgulhoso centro do Universo. Em torno dela girava o Sol e dançavam as Estrelas. Vêlo Copernico, e a Terra se viu de repente diminuída: passou a ser o que de fato é — um dos planetas mais humildes do sistema do Sol. Mas eis que hoje o Sol por sua vez se vê humilhado: sabemos que ele não passa de uma modesta estrela na imensa multidão de estrelas da Via Láctea... E sabemos, também, que por seu lado a Via Láctea é apenas um desses inúmeros turbões de estrelas que giram com profusão no espaço. De descoberta em descoberta, o homem todo tem descoberto, nos mistérios

(Continúa na pág. 48)

Correspondencia de escritores. Cartas de Moniz Barreto a José Verissimo

Nota sobre Guilherme Moniz Barreto

Rio, 24 de Janeiro de 1896.
Meu querido Amigo.
Recebi com grande prazer a sua carta pelo fato de não ter

ido durante um certo tempo á casa da pessoa a cujo cuidado ella foi mandada. Estimei ter noticias suas e vê-lo perseve-

rando na ideia de contribuir na medida das suas forças para elevar o nivel intelectual brasileiro.

Fico ciente que a "Revista" vai entrar numa fase nova e mais livre de embaraços e desalientos de editor. Estou certo que hade virar. Todo o tempo que ella for ganhando representa uma nova garantia de duração permanente. É impossível que um país de recursos e do futuro do Brasil não sustente uma revista mensal ou bimestral daquellas dimensões.

Quando lhe escrevi proximoamente lhe darei algumas indicações concernentes á publicação da "Revista" na Europa. Já falei a um livreiro de aqui para pôr a Revista na vitrine. Os francezes não na lerão, mas a colonia brasileira é importante e apparece em Paris da um certo prestigio. Será também conveniente lança-la em Portugal.

Tocante á maneira de se fazer chegar as honrarias que

me arbitra não vejo outro meio sinão mandar-me um cheque dentro de certa registrada. Para facilitar pode reunir dois meses num e expedir a quantia no fim do primeiro para que ella não chegue com grande atraso. Quanto ao "Jornal do Comércio" não pense nisso, visto não me ser mandada de lá quantia alguma.

Brevemente lhe escreverei. Peço-lhe que me recomende ao Coelho Neto ao nosso subscritor Caspary e que me creia.

Seu Am. mto. dedicado
Moniz Barreto
50, Rue des Ecoles.

Paris, 21 de Fevereiro de 1896.
Meu Caro Sr. José Verissimo.
Recebi as duas cartas que me escreveu. A primeira já respondi em carta que lhe enviarei para a Livraria Laemmert; a estas horas já deve estar ciente do conteúdo della. Tenho pouco a explicar-lhe a demora na remessa do artigo desejado.

Passei a primeira quinzena de Fevereiro bastante indispuesto de saúde. Mas embora os meus trabalhos absorvam o melhor do meu tempo desejo satisfazer-lhe auxiliando na medida das minhas forças o seu simpático empreendimento. Escolhi como assumto e preparei um artigo sobre as ideias sociais na Alemanha. Conto expedil-lo pelo paquete de 29 deste que chegará ao Rio em 17 de Março.

Am. mto. obedi.
Moniz Barreto
50 Rue des Ecoles.

Guilherme Moniz Barreto é um dos principais vultos da cultura critica e filosofica de Portugal no século passado e em todos os tempos. Residiu no Brasil durante algum tempo, e foi amigo de numerosos escritores brasileiros. Teve estreita amizade com José Verissimo. E são dirigidas ao illustre critico dos Estudos de Literatura Brasileira as duas cartas de sua autoria que nesta página publicamos. Pertencem os originaes aos ricos arquivos da Academia Brasileira de Letras.

Guilherme Moniz Barreto nasceu em Goa, na India, em 1863, e fez a sua educação em Portugal, sendo no collegio secundario companheiro de Oliveira Lima, o eminente historiador brasileiro. Foi collaborador da "Revista de Portugal", de Eça de Queiroz e da "Revista Brasileira", de José Verissimo. Residiu durante algum tempo—entre 1894-96—no Brasil, tendo-se fixado no Rio de Janeiro e em Pernambuco. Foi correspondente do "Jornal do Comércio" (do Rio de Janeiro) em Paris. Faleceu na capital franceza a 29 de Dezembro de 1896.

Escreveu:
— Ensaio de critica. Coleção Penamento, da Livraria Bertrand — Lisboa, 1941.

Nesse livro foram recolhidos os melhores trabalhos do autor, publicados antes em varios lugares. Traza um estudo sobre Moniz Barreto, assinado por Vitorino Nemésio.

Na "Revista Brasileira" existem os seguintes trabalhos de escritor português:

— A Filosofia Positiva e o Ensino Militar. T. XI. — página 349.
— O Sr. Eça de Queiroz. Estudo de psicologia. T. XII. — págs. 65, 211, 295 e 327.

Bernard Shaw em edições brasileiras

Num significativo empreendimento editorial, "EDIÇÕES MELHORAMENTOS" acabam de adquirir os direitos, para a lingua portuguesa, das obras de Bernard Shaw, as quaes apparecerão dentro em breve numa coleção destinada ao mais franco successo: "Seleções de Bernard Shaw". A tradição dessas obras, mundialmente famosas, serão contadas aos mais autorizados tradutores.

Journalista, critico, romancista, novelista e dramaturgo, Shaw é um nome conhecido universalmente, tanto pelo originalissimo estilo satirico, como pelo seu rebelde temperamento, os quaes deram ás suas obras um cunho excentrico.

De sua vasta produção literaria serão lançadas, nessa estupenda realizção das "Edições Melhoramentos", para breve: "Pigmalião", "Saint Joan", "Candida", "Caesar e Cleopatra", "Man and Superman", "Androcles and the Lion", "The Man destiny", "Mrs. Warren's Profession", "Major Barbara", etc., livros já muito consagrados pela critica mundial.

Em 1923 foi-lhe concedido o Prêmio Nobel de Literatura e, entre as obras mais importantes sobre sua vida, cita-se a que lhe dedicou Chesterton em 1909, intitulada: "Bernard Shaw".

Shawram-no o "rei do sarcasmo" e é sarcasticamente que ele vai conquistando o mundo literario, em todos os setores, o que consagra a grandiosidade de seu génio imortedouro.

Rio 24 de Janeiro de 1896
Meu querido Amigo

Recebi com grande prazer a sua carta pelo facto de não ter sido durante este tempo a casa da pessoa a cujo cuidado ella foi mandada. Estimei ter noticias suas e vê-lo perseverando na ideia de contribuir na medida das suas forças para elevar o nivel intellectual brasileiro.

Fico ciente que a "Revista" vai entrar numa fase nova e mais livre de embaraços e desalientos de editor. Estou certo que hade virar. Todo o tempo que ella for ganhando representa uma nova garantia de duração permanente. É impossível que um país de recursos e do futuro do Brasil não sustente uma revista mensal ou bimestral daquellas dimensões.

Quando lhe escrevi proximoamente lhe darei algumas indicações concernentes á publicação da "Revista" na Europa. Já falei a um livreiro de aqui para pôr a Revista na vitrine. Os francezes não na lerão, mas a colonia brasileira é importante e apparece em Paris da um certo prestigio. Será também conveniente lança-la em Portugal.

Tocante á maneira de se fazer chegar as honrarias que

me arbitra não vejo outro meio sinão mandar-me um cheque dentro de certa registrada. Para facilitar pode reunir dois meses num e expedir a quantia no fim do primeiro para que ella não chegue com grande atraso. Quanto ao "Jornal do Comércio" não pense nisso, visto não me ser mandada de lá quantia alguma.

Brevemente lhe escreverei. Peço-lhe que me recomende ao Coelho Neto ao nosso subscritor Caspary e que me creia.

Seu Am. mto. dedicado
Moniz Barreto
50, Rue des Ecoles.

Paris, 21 de Fevereiro de 1896.
Meu Caro Sr. José Verissimo.
Recebi as duas cartas que me escreveu. A primeira já respondi em carta que lhe enviarei para a Livraria Laemmert; a estas horas já deve estar ciente do conteúdo della. Tenho pouco a explicar-lhe a demora na remessa do artigo desejado.

A VIDA DOS LIVROS

(Conclusão da pág. 47)
de Janeiro, s.d. (1942). 320 páginas.

— Revista da Legislação Social e Jurisprudência do Trabalho. Ano I, n.º 1, Janeiro de 1949, 60 págs. Tem como diretores Luiz Mezavilla e P. Alexandrino, como secretario Alceu Marinho Rêgo.
— Pereira, Lúcia Miguel —

Machado de Assis "Estudo de edição. — Gráfica Brasileira Ltda. — São Paulo, 1949, 219 págs.

É o primeiro volume que publica o Circulo Literário do Brasil, iniciativa que se estende sob os mais simpáticos auspícios.

— Olímpio, Domingos — Luzia-Homen. Gráfica Editora Brasileira Ltda. São Paulo, 1949, 239 págs.

O PROGRESSO...

(Conclusão da pág. 47)
dos domínios da Astronomia. E hoje para um sábio a mansão do infinito é uma segura mansão — despedida de mistérios — mais ou menos como para um de nós é sem mistério a casa em que moramos!

Desçamos alguns degraus, na escala da classificação cósmica, e iremos ver que o progresso continua vertiginoso.

Que não sabe o homem acerca dos mistérios da Física? Que ignora ele acerca dos mistérios da Química? Que há, no campo dessas ciências, que o homem não ouse investigar? E que novas elaborações maravilhosas não estão a esta hora, em via de sair do espirito dos novos Einsteins, depois que eles conseguiram desvendar o segredo da desintegração do átomo?

Lisandro Mendes